

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E
RELAÇÕES DE GÊNERO

Corpos e masculinidades ursinas nos quadrinhos gays (*Ber the bear*)

Anelise Knevez Bartholdy

Orientador: Prof. Dr. Luis Henrique Sacchi dos Santos

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Seria tão mais fácil iniciar este trabalho e dizer que agradeço a tais e tais pessoas pela ajuda e compreensão. Entretanto, antes de qualquer coisa, muitos sentimentos e sensações me abarcam neste momento e se entrecruzam. Há a alegria e certo orgulho por olhar para cada página, cada linha, cada palavra e pensar: “- Isto é um pouco meu!”, mesmo sabendo que para muitas das ideias e análises há quase um adonar-se do que autores/as, professores/as escreveram, disseram, comentaram, questionaram. Também há o alívio, permeado pelo cansaço, pela ausência e certo questionamento envolvendo o: “- Será que me fiz entender?”, “- Será que os meus escritos são dignos a leitura?”.

Tive *insights*, vários *insights* que se deram muito pela ajuda do Professor Luis Henrique Sacchi dos Santos, meu orientador, com quem muito aprendi. Agradeço pela sua paciência, sua educação, seus ensinamentos, suas perguntas, seu jeito de mostrar-me que poderiam existir outras palavras, outros conceitos, pela possibilidade de outras leituras, outros entendimentos.

Também, aos professores e as professoras do Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, pelas suas experiências, suas trajetórias intelectuais que me possibilitaram tentar, cada vez mais, pensar a vida de outra maneira, de muitas maneiras.

Agradeço ao Pedro, meu companheiro de todos os momentos, pelos olhares, pelas ocasiões em que estava ao meu lado, estudando, lendo, dividindo o silêncio desta jornada que, muitas vezes, também me era necessário. Foi com ele que aprendi a gostar, ainda mais, de quadrinhos. E ele possibilitou o convívio frenético com quadrinistas da minha infância e juventude, através de seus livros e suas narrativas.

A Henrique Magalhães, professor da UFPA, editor da Marca da Fantasia que muito me ajudou no momento de começar a entender o que são produções independentes, que viabilizou a entrada de Ber no meu “mundo dos quadrinhos” e que me apresentou – pessoalmente – o funcionamento de uma editora independente.

Muito obrigada a minha família, que esteve comigo, me respeitando e compreendendo meus desaparecimentos ou minhas “visitas homeopáticas”. Agradeço profundamente à pequena Isadora e ao pequeno Guilherme, que foram a minha fonte de energia e alegria, em muitas circunstâncias desta jornada.

Não há como negar que durante um ano de curso, aproximações com colegas ocorreram e permitiram compartilhar possibilidades de trabalho, como também delas criar laços e, por isto, muito obrigada a Mayara, ao Paulo, a Silvia, a Christiane Sperling, a Gabriela, pelas nossas conversas no bar, na sala de aula, via e-mail e por telefone.

Agradeço a Caren, pelos nossos encontros nos últimos dias, onde compartilhamos pensamentos e pude, mais uma vez, perceber o quanto ainda tenho a aprender.

Gostaria de agradecer a tantas outras pessoas, mas se assim o fizer terei várias páginas para escrever. Portanto, meus/minhas colegas de trabalho, amigos/as da minha vida, sintam-se lembrados/as, pois vocês também foram fundamentais neste caminho, nada simples, nada corriqueiro, nada fácil, que fui fazendo.

Qualquer conhecimento já contém
suas próprias ignorâncias.

Deborah Britzman

RESUMO

Este trabalho discute construções de corpos e masculinidades a partir de histórias em quadrinhos homossexuais criadas no Brasil, mais especificamente, aquela que representa os ursos – homens gordos, peludos e gays – através da análise do único exemplar em papel da revista *Ber the Bear*. Para tanto, me aproximo do campo dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, numa perspectiva pós-estruturalista. As histórias em quadrinhos, tomadas como pedagogia cultural, ensinam, produzem, representam, potencializam corpos, (re)produzindo normas sociais e valores estéticos. Também a sexualidade: é produzida e regida por verdades e valores morais e que tomada como dispositivo, dita aquilo que deve ser praticado, instituindo subjetividades e, portanto, modos individuais referentes aos prazeres e ao corpo. Os quadrinhos com homens gordos, peludos e gays – representados na revista pelo protagonista Ber – são, para muitas pessoas, considerados marginais, “sujos”, independentes, entre tantas outras adjetivações que se possa dar a algo considerado “diferente”. Diante disto, levanto algumas indagações, sem a pretensão de trazer “a resposta”, “a verdade”: Como se circunscrevem corpo/os e masculinidade/es dos ursos, nessas histórias em quadrinhos? Que posições ocupam, esses corpos, na sociedade vigente, demarcada por certa norma corporal e comportamental homossexual, ditada pela hegemonia dos corpos sarados e depilados? Quais são as posições de sujeito que se viabilizam para os ursos nessas tirinhas? Busco examinar corpos e masculinidades, como possibilidades de encontro e de vida: como forma de resistência; como corpos que disputam e demarcam significados a partir daquilo que é dito como verdadeiro por saberes legitimados.

Palavras chave: corpos, sexualidades, masculinidades, pedagogia cultural, análise cultural, histórias em quadrinhos, Estudos Culturais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As aventuras de Nhô Quim ou As impressões de Uma Viagem à Corte	33
Figura 2: Cartaz comemorativo dos 71 anos da revista Gibi	33
Figura 3: Revista Tico-Tico	34
Figura 4: Azeitona e Bolão, personagens da Revista Tico-Tico	34
Figura 5: Catecismo de Carlos Zéfiro	36
Figura 6: Revista Balão	37
Figura 7: Revista O Pasquim	37
Figura 8: Revista Maria Erótica	38
Figura 9: Revista Estórias Adultas – Gibi Moderno	39
Figura 10: Revista Lampião da Esquina	40
Figura 11: Capa da Revista Ber the bear	43
Figura 12: Contracapa da Revista Ber the bear	44
Figura 13: Cartaz de uma festa da comunidade ursina	46
Figura 14: Propaganda do filme Bearcity	46
Figura 15: Revista eletrônica Ambear	47
Figura 16: Tirinha da revista Ber the bear	49
Figura 17: Tirinha da revista Ber the bear	49
Figura 18: Tirinha da revista Ber the bear	50
Figura 19: Tirinha da revista Ber the bear	51
Figura 20: Tirinha da revista Ber the bear	51
Figura 21: Tirinha da revista Ber the bear	51

Figura 22: Tirinha da revista Ber the bear	53
Figura 23: Tirinha da revista Ber the bear	55
Figura 24: Tirinha da revista Ber the bear	56
Figura 25: Tirinha da revista Ber the bear	57
Figura 26: Tirinha da revista Ber the bear	57
Figura 27: Tirinha da revista Ber the bear	58
Figura 28: Tirinha da revista Ber the bear	58
Figura 29: Tirinha da revista Ber the bear	59
Figura 30: Tirinha da revista Ber the bear	60
Figura 31: Tirinha da revista Ber the bear	61
Figura 32: Tirinha da revista Ber the bear	62

SUMÁRIO

1 RECORDATÓRIOS NARRATIVOS	9
1.1 OS ESBOÇOS QUE FAZEMOS: mudanças nos caminhos a seguir.	9
1.2 ENTRE RISCOS E RABISCOS: as escolhas para a pesquisa.	18
1.3 BORRAR PAPÉIS: histórias em quadrinhos e análise cultural.	22
2 VIRADA DE PÁGINA	28
2.1 ESTÉTICA GRÁFICA: molduras para corpo, masculinidade, homossexualidade.	28
2.2 PLANOS E COMPOSIÇÕES: um breve relato histórico dos artefatos culturais <i>underground</i>	32
2.3 TRAÇANDO ALGUMAS LINHAS SOBRE CERTA ESTÉTICA GRÁFICA: a história de uma comunidade dentro de outra.	41
2.4 CONTORNOS E DELINEAMENTOS: algumas análises.	48
3 ARTE-FINAL	64
REFERÊNCIAS	68

1 RECORDATÓRIOS NARRATIVOS

O modo como pesquisamos e, portanto, o modo como conhecemos e também como escrevemos é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas. (LOURO, 2007b, p.213)

1.1 OS ESBOÇOS QUE FAZEMOS: mudanças nos caminhos a seguir.

Conhecer, pesquisar, escrever na perspectiva pós-estruturalista parece-me uma tarefa de aprender outros caminhos, pois a premissa do trabalho acontece na possibilidade de deslocar ideias que para nós seriam tão previsíveis.

Somos atravessados por nossas histórias pessoais, pelas “posições de sujeito” que nos são colocadas ou nos colocamos, pelas oportunidades e encontros que tivemos e temos (LOURO, 2007b), ocorrendo entrelaçamentos com o que conhecemos, pesquisamos, escrevemos de uma maneira talvez incontrollável. Em outras palavras, trabalhar nessa perspectiva significaria ensaiar respostas provisórias, múltiplas, localizadas e “[...] questionar todas as certezas sem que isso signifique a paralisia do pensamento, mas ao contrário, se constitua como a fonte de energia intelectual e política.” (LOURO, 2003, p.42), onde o compromisso com as análises não se dá pela constatação e confirmação de dados, mas por um rigor para com o que se olha de maneira desconfiada e se tenta entender.

A pesquisa e a escrita na perspectiva pós-estruturalista, por ser atenta a detalhes locais pode também desencadear questionamentos mais densos, pois a análise não se constitui no “isso ou aquilo”. Ela acontece a partir do “isso e aquilo” e da possibilidade de multiplicar significados. Ao multiplicá-los, tomamos posicionamentos que não são neutros, mas políticos, pois adotamos algumas posturas problematizadoras frente às situações que nos parecem tão corriqueiras.

Fui “educada” dentro de um suposto mundo ordeiro, afirmativo, prescritivo e classificatório, onde se tem a ideia de que podemos dominar um assunto ou uma questão; de que unindo determinados fatos chega-se a uma solução certa. Dessa maneira, trabalhar com a perspectiva pós-estruturalista tem se mostrado uma tarefa absorvente, pois, como comenta Louro (2007), quando estruturamos o nosso mundo em situações lineares, há “uma boa dose de onipotência, a pretensão ao domínio pode significar, por vezes, satisfazer-se com as respostas ou as soluções que se encontrou, colocar um ponto final e, enfim, descansar” (LOURO, 2007a, p. 238). Por outro lado, quando começo a empregar a abordagem pós-estruturalista na pesquisa, no texto, na maneira de olhar o mundo, faço a tentativa de abrir as palavras, problematizar e subverter as assertividades, pensar nas incertezas.

Incertezas fazem parte das nossas vidas, independente da vertente teórica que seguimos. Quais incertezas? Aquelas atreladas a tentar encontrar uma solução única para um problema? Aquelas que desacomodam? Aquelas que envolvem escarafunchar os significados das palavras, dos olhares, dos movimentos, dos silêncios? Na minha vida fui atravessada por algumas proposições teóricas e, independentemente de quais foram elas, tive incertezas acompanhando meu pensamento e os momentos de pesquisa, mesmo quando vivi o trabalho de formular problemas, levantar hipóteses e tentar comprová-las, com o objetivo de encontrar “a verdade”.

De forma humilde, gostaria de fazer um breve relato das vivências que tive em outros campos teóricos, pois fizeram parte da minha experiência, estiveram permeadas de incertezas e me ajudaram a pensar o quanto algumas posições teóricas não se mostravam suficientes para atender aos meus anseios como professora, como pessoa.

Durante o curso de Pedagogia, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, “bebi” fortemente na Teoria Crítica e na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, levando essas concepções para os meus estudos, para a forma como eu olhava e pensava o mundo e a escola, como também utilizei dessas teorias no trabalho final de conclusão de curso. Foi lá que concluí minha formação como professora, já que

minha vida acadêmica teve seu início em outra universidade (CEUB¹ – Brasília), bem como foi marcada por caminhos incompletos, em outros cursos de graduação (História e Sociologia²).

Naquele período da minha vida, em que as teorias marxistas apontavam o meu modo de ver o mundo, encontrava na Pedagogia Libertadora o ato dialógico como sendo algo primordial, em que eu tinha a certeza de que professores/as e alunos/as poderiam criar conhecimento do mundo, procurando assim amenizar diferenças sociais e culturais. Utilizando-me dessa compreensão, pensava que as disparidades na distribuição do conhecimento a partir do currículo e da escola, enfim, aquilo que podemos chamar de desigualdade social, se dava pelo poder econômico que se funda nessas relações, envolvendo de um lado a classe “dominante” e de outro os “dominados”.

Nessa linha teórica, o poder é colocado em um sentido amplo, em que a sua compreensão está assentada na premissa de que ele é propriedade de alguns e está ligado ao Estado. A pedagogia, nesse sentido, estaria ancorada nas situações vividas na dicotomia entre pobres/ricos e opressores/oprimidos, o que resultaria em um trabalho feito pela e na escola com a pretensão de minimizar as diferenças entre quem ensina e quem aprende, pois o conhecimento seria visto como algo que leva à conscientização e, conseqüentemente, à libertação da relação de dominação.

Vivi essa proposta intensamente, de modo que a incorporei ao trabalho final de graduação realizado, com alguns traços de pesquisa qualitativa³, no interior da Bahia (na região da Chapada Diamantina). Fui observar como era realizado o

¹ Centro Universitário de Brasília, atualmente denominado UniCEUB

² Os dois cursos citados eu não concluí. Fiz dois semestres de Licenciatura em História, quando morei em Brasília, e mais dois semestres deste mesmo curso na UNISINOS, antes de realizar transferência para a Sociologia (Bacharelado) e trancar o curso depois de cinco semestres feitos.

³ Denomino traços, pois a coleta de dados se deu na troca de cartas com os/as alunos/as e a merendeira da escola, onde situações subjetivas foram demarcadas nestes recebimentos. Estive na comunidade por 7 dias observando o que acontecia na escola: a forma como era dado o trabalho, como eram as aulas, observei o espaço físico e os movimentos que ali aconteciam, entrevistei a professora (que trabalhava com a única turma da escola – uma turma multisseriada) e entrevistei duas pessoas da comunidade (já que era uma comunidade muito pequena que se localiza no meio de um canyon), querendo saber delas a história da comunidade, da escola e o envolvimento da comunidade com a escola.

trabalho em uma escola rural, em um local de difícil acesso⁴. Naquele momento, além de relatar como o conhecimento era estabelecido (em um espaço com poucos recursos físicos e econômicos), eu procurava comprovar que o trabalho da professora era difícil - pela falta de materiais enviados pela prefeitura; de que as aprendizagens aconteciam a partir da “garra” dos adultos, das crianças e adolescentes. No relato da pesquisa que fiz, delineei ideias sobre as disparidades físicas, econômicas e sociais que aquele grupo vivia e que atravessavam a sala de aula.

Levo em consideração que a Teoria Crítica e a proposições freirianas contribuíram e contribuem para refletir a educação de uma maneira mais democrática, pois entendem que as pessoas estão diretamente envolvidas no ato do conhecimento. Tais teorizações se tornaram o viés de trabalho para muitos/as educadores/as do Brasil e do mundo. Entretanto, como tantas outras teorias educacionais, elas pensam no currículo apenas como conhecimento e, como acrescenta Tomaz Tadeu da Silva (1999), deixam de lado o entendimento de que o “conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos” (SILVA, 1999, p.15). Afinal, somos interpelados e constituídos em e por diferentes situações, instituições e grupos sociais.

Ao finalizar a Licenciatura, busquei na interlocução com colegas que faziam a sua formação acadêmica no campo dos Estudos Culturais em Educação, o que eles/as estavam discutindo em seus cursos. Foi dessa maneira que tentei me aproximar de maneira cautelosa, dos/as autores/as a que fui apresentada⁵. Naquele momento não tinha com quem dividir os meus desconfortos e eu me perguntava se certos conceitos que me pareciam tão seguros, como conhecimento, pedagogia, cultura e poder, não tinham mesmo aquela “real” ligação com a construção da autonomia, da liberdade, do esclarecimento, ou seja, a busca com a busca por um

⁴ A cidade mais próxima fica a 14 quilômetros e a chegada nessa comunidade acontece somente a pé ou no lombo de mulas. Naquele período (2001) a comunidade não tinha luz elétrica, mas a escola tinha uma televisão e placas solares recebidas de um turista que chegou naquele local e quis auxiliar aquelas pessoas. Atualmente a escola não funciona mais.

⁵ Marisa Vorraber Costa, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto.

sujeito soberano – dono de si (SILVA, 1994). Entendia, a partir das situações do dia a dia e dos embates na escola, que esse sujeito essencial a ser desenvolvido em todas as suas potencialidades, estava sendo colocado sob suspeita, pois a conscientização e o domínio sobre os atos parecia ser algo inalcançável.

Naquela época, realizei o Curso de Especialização Educação Especial: o desafio da escola inclusiva, na UNISINOS e, a passos lentos e precavidos, me aproximei mais dos Estudos Culturais. Nesse curso foram apresentados outros sentidos para os conceitos de cultura, linguagem e poder e, aos poucos, comecei a examinar as práticas sociais e seus efeitos sobre as nossas vidas a partir dos “novos sentidos” atribuídos a esses conceitos. Tentei entender a cultura como um campo de luta e contestações, no qual se produzem sentidos: como ela tem história e produz história, perpassa o que acontece nas nossas vidas, constituindo os sujeitos e as práticas sociais. A cultura, nessa perspectiva, trata das demandas do nosso tempo, sendo situada, estando submetida constantemente a conflitos de poder.

As proposições pós-estruturalistas têm como referência, entre outros, o filósofo Michel Foucault, que analisou as práticas sociais em diferentes momentos da história e nelas procurou estudar os mecanismos que tornam os seres humanos sujeitos⁶. A partir de seus estudos, ele mostrou que a pessoa é fabricada dentro de discursos e seus enunciados, sendo esses lugares de assujeitamento, constituídos pelo poder. As análises de Foucault não focavam a definição de poder, mas remetiam à ideia de ele é produtivo, pois cria estratégias que o potencializam, concebe saberes que o justificam e o disfarçam e, como um jogo, propõe aos sujeitos que sejam livres e façam suas escolhas.

O poder dá sentido às coisas, não se dissociando daquilo que se fala, daquilo que se sabe. Ele está distribuído na cultura como uma trama, em que há “um jogo de correlação de forças que estabelece critérios de validade e legitimidade segundo os quais são produzidas representações, sentidos e instituídas ‘realidades’”

⁶ Sujeito no sentido daquele que está assujeitado a algo.

(COSTA, 1999, p.41). Há relações de poder ao se ocupar espaços e posições que estabelecem identidades, significados sociais e culturais que nos governam, nos regulam e nos moldam.

Entender esses conceitos dessa forma me possibilitou olhar para o espaço onde eu lecionava (a Educação Infantil) e começar a me perguntar: como eram as posições de sujeição das crianças nas relações com o outro, com aquele dito diferente? Quais eram as representações da diferença que ocorriam nas práticas infantis? Fazia-me essas perguntas, pois os silêncios, os olhares, a ocupação de espaços nas brincadeiras estavam transpassados por certas regras. Observando as crianças, me via desconfortável, pois a maneira como aprendi a narrar a infância (lugar da ingenuidade, do vir a ser, de descoberta...) estava sendo posta em questão por mim. Comecei, assim, a entender que a “virada” nesse meu modo de olhar estava situada no modo como passei a entender os conceitos, nos seus modos de significação, nos sentidos estabelecidos para as palavras e pelas palavras, para as ações e pelas ações.

A realização da monografia, Representações da diferença: um olhar sobre as práticas infantis, se deu a partir da pesquisa de campo, em que a observação nos momentos livres e alguns dirigidos – pelas professoras de classe – constituíram meu corpus de análise⁷. Não descobri nada porque supostamente nada estava coberto. O que fiz foi olhar para o que era dito e o que eu assistia e, desse modo, levantei algumas suposições, organizando, desorganizando e, outra vez, organizando os dados que eu mesma havia constituído.

Naquele momento, fiz a primeira tentativa de ressignificar os saberes, questionando conceitos “totalizantes”, como infância, pedagogia e inclusão,

⁷ Observei, em 2004, duas turmas de crianças entre 5 e 6 anos, de uma escola particular (no Vale do Rio dos Sinos). Em um grupo havia uma criança com uma deficiência mental e noutro grupo uma criança com um distúrbio emocional. Fiz observações durante um mês de aula, entrando em diferentes situações da rotina, focando mais a minha observação nos momentos de brincar livre, onde as situações de in/exclusão eram constantes e elas aconteciam desde os olhares, os silêncios, os cochichos, as gozações (quando as crianças não estavam na sala de aula), os convites para brincar ou estar na brincadeira.

tentando, a partir disso, pensar numa “virada radical” nas formas de ver, entender e posicionar crianças ou alunos/as⁸.

Comecei a deixar de lado a busca por “uma grande resposta” e procurei entender que as representações da diferença acontecem dentro das práticas sociais, dentro das práticas culturais, a partir dos discursos que circulam na escola, com as famílias, os/as responsáveis, os/as colegas, os/as amigos/as, os programas infantis, as propagandas, a mídia, os brinquedos, as brincadeiras, etc. Naquele momento, essa resposta se mostrava como a possível e eu não me permitia fechar em uma conclusão. Hoje, quando olho para aquela pesquisa, percebo que há fragilidades na minha escrita, pois mesmo tendo modificado as lentes teóricas outros aprofundamentos seriam necessários.

Estabelecer e restabelecer significados foi o que procurei realizar quando terminei aquela especialização. Porém, mais uma vez, a leitura solitária fez parte do meu cotidiano e voltei a me inquietar – já que falo da insatisfação do já-sabido (CORAZZA, 2002). Meu pensamento havia sido engajado na criação de outras verdades, que coloquei para funcionar pelos questionamentos possibilitados por uma “outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar, em que sentidos há sentidos” (CORAZZA, 2002, p.111).

Porém, o desconforto com o cotidiano escolar, com aquilo já assentado e constituído e também com suas incongruências, veio novamente. Foi neste momento que decidi ingressar, em 2010, no Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, na Faculdade de Educação desta Universidade. Nos encontros que se sucederam, pude rever conceitos com que trabalhei na especialização anterior e, assim, reordenar algumas ideias em relação a eles, pois a perspectiva pós-estruturalista esteve presente, a partir dos Estudos de Gênero e os

⁸ Comunicação pessoal realizada pela professora Maura Corcini Lopes em aulas do Curso de Especialização Educação Especial: o desafio da escola inclusiva, que realizei de março de 2004 a março de 2005.

Estudos Culturais, sendo focalizada a partir das questões de gênero, sexualidade e corpo.

Quando iniciei o curso, o meu objetivo estava em aprender, em tentar olhar, com a ajuda dos/as professores/as e dos/as colegas, para a pluralidade de significados dos conceitos anteriormente colocados. Num primeiro momento, eu queria entender a produção dos sujeitos na escola, pensando nas pedagogias⁹ que circulam e que legitimam modos de ser e estar no mundo. A partir do que fomos estudando e refletindo nas aulas, comecei a entender que o campo dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas opera numa ótica construcionista (LOURO, 2007b), na direção de multiplicar histórias sobre gênero, sexualidade e corpo, pois a cultura hegemônica, que domina as instituições econômicas, culturais, sociais, midiáticas tenta transformar histórias múltiplas em uma história única.

Louro (2008) mostra, a partir de seus estudos, que a escola é um dos lugares em que essa história única é produzida, pois ela delimita espaços, utilizando símbolos e códigos que afirmam o que cada um/a pode ou não fazer, separando e instituindo modos de ser, estar e se comportar, uma vez que esses códigos e símbolos podem ser pensados como disciplinamento dos corpos que “fabrica indivíduos” (FOUCAULT, 2000)

A partir de jogos de poder ela naturaliza e corrobora formas desejadas e colocadas como as “verdadeiras” de ser menino e ser menina, ser família; viver a paternidade, a maternidade; viver a sexualidade, pois

a escola, pela sua formação arquitetônica; pelas relações estabelecidas entre professores/as e alunos/as – professores/as e alunos/as – alunos/as e alunos/as; pelos olhares; pelas falas; pelos gestos; pelos silêncios; pelas regras; pelos documentos; pela grade curricular; pelos trabalhos em sala de aula; pelos momentos livres; pelos materiais utilizados, confirma e produz as diferenças e as hierarquias, pois através de um aprendizado eficaz, continuado e sutil, a instituição imprime um ritmo, uma disposição física, uma

⁹ Escrevo pedagogias no plural, pois a partir dos Estudos Culturais a pedagogia é vista como conjunto de instâncias culturais e como tal, educa os sujeitos a viverem de acordo com regras dominantes fundadas socialmente (SABAT, 2000).

postura nos sujeitos. Meninos e meninas, jovens, mulheres e homens aprendem e incorporam gestos, movimentos, viabilidade e sentidos; simultaneamente, eles e elas respondem, reagem, acatam, rejeitam (LOURO, p.88, 2001)

A partir dessas contribuições entendi que práticas sociais e disciplinares estabelecidas na escola poderiam se tornar algo bom para conversar¹⁰. Quando comecei a pensar na monografia, foi isso que me “capturou” na direção de estabelecer qual seria o foco que eu viria a dar aquilo que eu constituiria como “meu” objeto de estudo. Algo me instigava, mas havia a dúvida se esse seria o lugar para a realização de uma possível pesquisa. Comecei a me perguntar se era ali, no espaço escolar, com suas pluralidades, que eu gostaria de me fixar em um trabalho que sei doloroso e apaixonante. Eu não tinha tanta certeza de que, mais uma vez, gostaria de empenhar meu olhar (de forma interessada e interessante) para o ambiente onde muito da minha vida profissional se deu e se dá.

No decorrer das aulas fui fazendo reflexões, desacomodando ideias e pensando nas diversas pedagogias culturais que vão produzindo valores e saberes; regulando condutas e modos de ser; fabricando identidades e representações; constituindo certas relações de poder (SABAT, 2000).

Nas disciplinas Políticas de Identidade¹¹ e História do Corpo¹² trabalhamos com análise de diversos artefatos culturais (filmes, brinquedos, propagandas, folders de movimentos sociais) e, aos poucos, esses materiais começaram a me seduzir. Entretanto, a sedução não parece ser um argumento suficiente para sustentar qualquer tipo de trabalho acadêmico, na perspectiva pós-estruturalista. Pesquisar, a partir desse “ponto de vista”, é aprender novos caminhos em que as perguntas suscitam. Como esclarece Rosa Maria Bueno Fischer, “trata-se de questionar o que nos parece mais evidente, óbvio e investir na formulação criativa de novas perguntas

¹⁰ Quando menciono a expressão bom para se conversar não estou valorando, no sentido mágico, de algo que precisa ser desvendado, de algo que seja fascinante e motivacional. Penso na possibilidade da pergunta, dos posicionamentos teóricos que eu poderia tomar para construir meu objeto de pesquisa.

¹¹ Com a professora Guacira Lopes Louro

¹² Com a professora Silvana Villodre Goellner

que se fazem a partir de uma indagação sobre que perigos temos hoje a enfrentar” (FISCHER, 2007, p.60). Isso passa por olhar para aquilo que repete, que pulsa, que parece corriqueiro, construindo e pensando, a partir daí, fatos, coisas, dados, situações em que podemos depositar uma suspeita e, quem sabe, contribuir na modificação de convenções e regras, lidando criativamente com o conhecimento que possa acontecer.

1.2 ENTRE RISCOS E RABISCOS: as escolhas para a pesquisa.

Meus questionamentos iniciais diziam respeito a que tipo de material buscar para a pesquisa. Trabalhar com os artefatos culturais era algo muito diferente e a investida inicial me pôs em alerta, já que o que interessa na perspectiva pós-estruturalista não é o novo, o inédito. Eu precisei pensar, antes de tudo, em como os artefatos culturais engendram nossos modos de viver. Douglas Kellner (2001), autor que desenvolve análises sobre a cultura contemporânea, ajudou-me a entender os atributos interpelativos e constitutivos dos artefatos culturais:

A cultura da mídia pode ter efeitos poderosos quando toca nos interesses do público e sucessivamente vem a ser parte de um circuito cultural com efeitos distintos. Os textos culturais da mídia articulam experiências sociais transcodificando-as em formas como televisão, filme e música popular. O público se apropria desses textos, reproduzindo frases de efeito, imagens, figuras para articular seu próprio senso de estilo, visual e identidade. A cultura da mídia fornece recursos para criar propósitos, prazer e identidade, mas também molda e forma identidades específicas e veicula material cuja posse pode inserir o público em posturas específicas. (KELLNER, 2001, p.150)

Nossas decisões diárias não são feitas de forma livre. Somos inscritos e constituídos a partir dos artefatos culturais, com suas pedagogias e seu currículo

cultural. Eles educam, controlam, governam, constituindo, junto a um emaranhado de outras situações, aquilo que é concebido como identidade dos indivíduos e dos grupos sociais, com informações que se pretendem verdadeiras e universais, em que posições de sujeitos desejáveis (KELLNER, 1995) são demarcadas e instituídas constantemente.

Pesquisar a partir dos artefatos culturais, na perspectiva pós-estruturalista, vincula-se ao que Dagmar Meyer e Rosangela Soares (2004) abordam com relação a não se colocar outra “verdade” em seus lugares. O que se pretende é observar que ocorrem relações de poder e certas representações que instigam as pessoas a ser e a viver de determinadas formas e não de outras, a pensar e sentir certas coisas e não outras, a consumir alguns produtos e não outros, produzindo determinados tipos de sujeitos, normalizando condutas e proferindo o certo e o errado. Dessa maneira ocorrem demarcações do que é admissível aos modos de ser mulher, de ser homem, de viver a sexualidade, de mostrar um corpo.

Com que material trabalhar? Observei revistas, olhei propagandas, materiais publicitários, naveguei na internet. Aos poucos, vi possibilidades ao encontrar as histórias em quadrinhos nas estantes da casa de um colecionador de quadrinhos¹³, pois ele possui um acervo diversificado de quadrinhos e de cartuns¹⁴.

A partir dessa escolha, examinei no site da biblioteca da UFRGS (LUME) trabalhos de conclusão, monografias, teses e dissertações, feitos pelos/as alunos/as da Faculdade de Educação, envolvendo histórias em quadrinhos e as abordagens dimensionadas para esses trabalhos. Nessa pesquisa inicial não encontrei trabalhos de conclusão de cursos de graduação disponibilizados; localizei três monografias de cursos de especialização e 191 teses ou dissertações. Dessas três monografias, uma estava vinculada às palavras quadrinhos, gênero, sexualidade ou corpo; das 191 teses ou dissertações colocadas no site, seis eram específicas sobre quadrinhos e as outras 155 apareciam em função das palavras “história” ou

¹³ Seu nome é Pedro Lairihoy e ele é um estudioso em quadrinhos

¹⁴ Maurilio Manara/Milo Manara; José Luiz Benício da Fonseca/Benício; Henrique de Souza Filho/Henfil; Maurício de Souza; Ziraldo Alves Pinto/Ziraldo, Neiltar Rebes Abreu/ Santiago, René Goscinny, Joaquim Salvador Lavado/Quino, Carlos Zéfiro, entre outros.

“quadro”. Ao delimitar de outra forma, amarrando as palavras gênero, sexualidade, corpo e pedagogia cultural encontrei 10 trabalhos de especialização e 35 dissertações ou teses (essa listagem está nas Referências Bibliográficas, mais especificamente, na seção Revisão Bibliográfica: obras que dialogam com os temas gênero, sexualidade, corpo e pedagogia cultural e que estão disponíveis no LUME/UFRGS). Além dessa busca, também visitei grandes livrarias¹⁵ e sebos para observar o que circulava nesses lugares, em termos de histórias em quadrinhos, e ali me deparei com Mangás¹⁶, bem como histórias com/de heróis, histórias com personagens conhecidos/as, entre outras.

Neste momento, parecia que eu estava cercada por reticências, por descaminhos... Pensava para onde levar a pesquisa ou para onde a pesquisa poderia me levar, pois como acrescenta Maria Isabel Edelweiss Bujes: “[a] escolha de um tema, operações para constituir um problema de pesquisa, tratamento metodológico dado ao material empírico, etc., tudo se conecta no intrincado jogo que vem a se constituir no nosso processo de investigação” (BUJES, 2007, p.19). E, é preciso dizer, até aquele momento eu me sentia seguindo um caminho contrário.

E foi nessa direção que precisei fazer outro recorte, passando a buscar por histórias em quadrinhos para adultos, pois nessa garimpagem inicial me defrontei com gibis e histórias para crianças ou jovens; histórias de ação, de violência, histórias de “outro mundo” e materiais para colecionadores/as, entre outras.

Isso me levou de volta para o espaço de casa e as primeiras histórias em quadrinhos para adultos que folheeí, com “novas lentes”, foram as Milo Manara e as de Benício¹⁷. O que ecoava nessas histórias era um padrão de corpo, de beleza, de erotismo e heterossexualidade. Em outras palavras, aqueles quadros, aqueles

¹⁵ O acesso atual para a compra de livros, para a maioria das pessoas – nas grandes cidades – está se dando nas livrarias de shoppings (que são “grandes corporações” vindas de São Paulo e Rio de Janeiro e que acabam tomando outras cidades, como Porto Alegre).

¹⁶ Histórias em quadrinhos japonesas, que ao contrário das histórias convencionais, se lê de trás para frente.

¹⁷ Em outras situações da minha vida já havia observado os desenhos de Milo Manara e de Benício e visto que o desenho era de mulheres sempre belas, magras, sensuais e que estavam ali para satisfazer aos desejos masculinos. Eu olhava para aquelas páginas e pensava na beleza do traço, mesmo que em alguns momentos me incomodavam as posições construídas para a mulher.

traços, aqueles balões, aquelas posições instituíam modos esperados de ser homem e ser mulher, podendo ser pela beleza e fragilidade feminina, como também pela virilidade masculina. Com base nesses materiais comecei a dar passos, cautelosos e irregulares, pois precisava “afinar os instrumentos”, para com eles engendrar o problema de pesquisa e pensar nas redes de significação, nas tramas, nas relações que poderiam dar sentido (BUJES, 2007).

Nesse meio tempo, visitei uma loja especializada em quadrinhos e cartuns, em Salvador (BA), e ali – em meio a tantas publicações – encontrei o livro *O homem ideal*, do quadrinista Kalf König¹⁸. Em linhas gerais essa é a história de um homem atraente, desejado e cobiçado por outros homens e por mulheres. Li o livro e várias situações arquejavam: as conversas entre os homossexuais sobre a heterossexualidade; as possibilidades de encontro entre parceiros; possibilidades variadas de viver a homossexualidade; o amor romântico e as decepções amorosas; a AIDS, entre outras.

Nessa mesma loja, também localizei uma revista com as tirinhas de Rocky & Hudson, de Adão Iturussugarai¹⁹. Rocky & Hudson constituem um casal de caubóis gays que se envolvem em inúmeras situações do faroeste e que mostram, de forma caricata, a vida homossexual. Eram pequenas histórias, desenhadas e mostradas em uma ou duas páginas, e que indicavam um “mundo cor de rosa”, com uma forte marcação nos trejeitos afeminados.

Ao ler o livro e a revista, tentei não me apegar ao binarismo, à possibilidade de “santificar” um tipo de trabalho e “demonizar” outro, de procurar o certo ou o errado nessas produções que evidenciavam uma diferença nas narrativas. Vi histórias com uma mesma temática e maneiras diversas de colocar a vida. Também percebi que havia marcas que “falam” dos sujeitos (LOURO, 2000) e que essas marcas não eram fixas. Lendo o material, observando os desenhos, os diálogos, as

¹⁸ Ralf König é quadrinista alemão que produz histórias sobre a vida homossexual. No Brasil há a tradução de três de seus livros: *O homem ideal* (1997), *E agora os noivos podem se beijar* (2007) e *Como coelhos* (2008). Esses três livros traduzidos para o português estão formatados em páginas preto e branco.

¹⁹ Adão Iturussugarai, cartunista brasileiro que produz tiras de humor. Homossexualidade, sexo e deboche pelo que se vê na vida em sociedade são temas de suas tirinhas.

sequência de quadros, fui compreendendo que, em alguns momentos, não tinha, principalmente na história de Alex (personagem de Ralf König) como enquadrar um personagem dentro de certas características²⁰, de determinados padrões.

1.3 BORRAR PAPÉIS: histórias em quadrinhos e análise cultural.

Posso pensar na ideia de “borrar papéis” quando um/a quadrinista, por exemplo, cria seu trabalho, desenha e registra seus pensamentos e suas experiências utilizando o papel, o lápis e, atualmente, até mesmo programas de computador: riscando; fazendo ensaios; dando margem ao que tem como intenção registrar; modificando a partir do que olha; do que lhe é exigido; do que põe para si como algo que precisa ser alterado. Frente às lentes da pesquisa pós-estruturalista seriam uma outra forma de pensar nas palavras “borrar papéis”, pois as palavras são delineadas, rascunhadas, mais na incerteza e na pergunta, na reorganização constante, em que se precisa traçar, rever, apagar, retomar – consideravelmente – ideias e conceitos. Outra maneira de pensar essas duas palavras é a das múltiplas formas de se ver e de se viver a vida, pois as identidades antes tidas como fixas, passam a ser questionadas, politizadas, contestadas; elas riscam fronteiras e questionam modos únicos de estar no mundo.

Após ler a revista e livro que adquiri, delimito um dos temas para a pesquisa, as narrativas sobre a homossexualidade em histórias em quadrinhos para adultos. Pensei nessa possibilidade de trabalho, pois as pessoas aprendem desde muito cedo a ocupar e/ou a reconhecer os seus espaços sociais e isso acontece em vários

²⁰ Na capa de O homem ideal há o desenho de um homem com as pernas enroscadas, em uma posição sensual e bastante feminina. Ao ler o livro, em um determinado momento o desenho da capa está ali – dentro da história - contando que aquela teria sido uma foto tirada pela namorada de Alex (o personagem desejado por mulheres e homens) para testar o mecanismo da máquina fotográfica, por isso ele não deixava de ser heterossexual, pois a pose era para a namorada.

momentos, a partir de estratégias que são perspicazes e afinadas, tornando-se assim naturalizadas (MEYER, 2003).

Como a educação ultrapassa os alcances da escola e da família, modos de vida homossexual são ensinados e aprendidos também a partir de artefatos culturais como as histórias em quadrinhos. Como uma pedagogia cultural, os quadrinhos ensinam posições de sujeito e essas posições poderiam ser aquelas de uma vida que se mostra pelos encontros, pelas dúvidas, pelos amores, pelos desejos, pelos trejeitos. Elas também podem ocorrer pelas palavras, pelo desenho, pelas risadas que estabelecemos a partir dos traços e dos diálogos.

Ao iniciar a orientação para a monografia, com o professor Luis Henrique Sacchi dos Santos, foi-me solicitado que eu procurasse histórias em quadrinhos brasileiras, com a temática homossexual. Ao vasculhar essas produções, buscando por histórias mais contemporâneas, me vi frente a uma tarefa bastante difícil, afinal me deparei com um mercado muito pequeno e restrito.

Encontrei tirinhas criadas, especificamente, para a internet²¹ e outras que circulam na rede mundial de computadores²². Montei uma coleção de revistas²³, vasculhando sítios da internet, visitando lojas especializadas em quadrinhos, trocando e-mails com um editor de revistas independentes²⁴ e também, a partir de uma breve conversa com um jornalista²⁵ que escreve sobre a história das histórias em quadrinhos, das editoras e de quadrinistas brasileiros.

Percebi que o mercado de quadrinhos homossexuais, no Brasil, ainda é bastante limitado e, dentre tantas perguntas possíveis (por exemplo, acerca do mercado editoria brasileiro), questionei: haveria um rechaço da sociedade, cuja

²¹ <http://passarosrebeldes.wordpress.com/>. Acesso em: 15 de novembro de 2010.

²² <http://www.e-jovem.com/fun2.html> (com tirinhas de Laerte Coutinho/Laerte). Acesso em: 15 de novembro de 2010.

²³ BARALDI, Marcio. Todas as cores do humor: coletânea de cartuns gls (2002); COUTINHO, Laerte. Muchacha (2010); LOPES, Rafael. Ber the bear (2010); MAGALHÃES, Henrique. Macambira e sua gente (2008); PRADO, Anita. MENDES, Ronaldo. Katita: tiras sem preconceito (2009); PRADO, Anita. MENDES, Ronaldo. Katita: o preconceito é um dragão (2010).

²⁴ Com ele troquei alguns e-mails sobre a produção de quadrinhos por sua editora e também tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente ao visitar a cidade de João Pessoa, em fevereiro de 2011.

²⁵ Essa conversa informal ocorreu durante a Feira do Livro de Porto Alegre, no começo de novembro de 2010.

norma vigente é a da heterossexualidade, em relação a um grupo que ainda é tido como desviante? Esse material vendido ou veiculado, muitas vezes pela internet, teria o objetivo de atingir, especificamente, aqueles/as a quem eram destinados/as? Fazia-me essas perguntas, mas sabia que esse não seria o objetivo da pesquisa, ou seja, de investigar a produção e divulgação desses materiais no circuito brasileiro.

Pelo jogo das minhas escolhas, eu lidava com a temática homossexual, mas ainda precisava depurar mais o trabalho. Lendo a revista *Ber the bear*, de Rafael Lopes, comecei a prestar atenção em situações que se sucediam: tirinhas envolvendo a vida dos ursos; tirinhas que falavam de um estilo de vida homossexual, com seus embates em torno do corpo, da masculinidade, dos encontros, dos segredos, dos escrachos nas palavras e nas atitudes.

Humildemente me vi, frente a frente, com quadrinhos que não tinha familiaridade, “falando” de um grupo que eu não conhecia. Deparei-me com aquilo que aquelas histórias suscitavam nas pessoas que as liam – inclusive em mim: um riso frouxo e que também poderia ser denominado de nervoso. O riso, como comenta Jorge Larrosa (2003), destrói as certezas de si, podendo ser visto como questionamento e como intromissão de um pensamento de outra lógica que provoca falhas nas nossas ideias lineares.

Percebi que essas repetições poderiam estar ligadas à capacidade produtiva da linguagem, ou seja, de que mesmo que estejamos envolvidos numa norma vigente, não há uniformidades e que, hoje, multiplicam-se modos de compreender e dar sentido à vida, de dar sentido ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Homens tidos, na perspectiva heteronormativa, como desviantes pela sua orientação sexual, também seriam desviantes pelo seu corpo pesado e peludo?

Os ursos, que seriam homens corpulentos e pesados, podendo ser também barbudos e peludos, ganhavam visibilidade nessas tirinhas e isso engendrou meu interesse no que essas tirinhas poderiam “falar” acerca das diferenças de modo geral e, em especial da sexualidade dos ursos²⁶. Os diálogos entre *Ber* e *Filhote* –

²⁶ Trarei alguns pontos referentes aos ursos no próximo capítulo denominado *Virada de Página*.

personagens principais nas tirinhas – estavam permeados de marcações nos modos de experimentar a sexualidade, de tentar explicar o corpo ursino e a vida de ursos.

Ber e Filhote representam assim jeitos de ser dentro de uma comunidade que, embora possa ter tantos outros modos de existir, é frequentemente caracterizada pelos atributos corporais (peso, tamanho, presença de pelos) e formas de apresentar a sexualidade (com destaque para a virilidade). Chico Chubby – personagem que aparece vez por outra nas histórias, mas que provoca estranhamento em Ber e em Filhote por não se inserir nas características que definem a comunidade ursina – tenta mostrar a sua maneira de viver a sexualidade, além de suas agruras com os ursos.

Esmiuçando espaços e possibilidades, percebi que tinha o material de pesquisa em mãos: a revista em quadrinhos *Ber the bear*, a princípio única revista em papel²⁷ envolvendo os ursos, já que suas histórias também estão colocadas na internet, no blog <http://berthebear.blogspot.com/>²⁸.

Essa revista foi editada pela Marca da Fantasia, editora independente da Paraíba, que trabalha com tiragens pequenas e coloca em circulação seus materiais a partir de pedidos feitos pelo público que visita, principalmente, o seu sítio na internet. Henrique Magalhães²⁹ me contou que muitas das encomendas dessa e de outras revistas editadas pela Marca da Fantasia são feitas para o exterior. Além disso, ele também referiu que para cada publicação realizada pela editora, são criadas 200 capas offset³⁰; que o miolo das revistas é produzido a laser, conforme a

²⁷ A escolha por revista em papel está relacionada com as minhas vivências, que me reportam a experiências, na vida, que tive em torno de histórias em quadrinhos.

²⁸ Não farei referências maiores ao blog, pois o meu interesse está na revista em papel, mas gostaria de fazer a seguinte consideração: há postagens de tirinhas desde 2007 – que foram 15 tirinhas. Em 2008 foram 32 postagens; em 2009 foram 15; 2010 foram 14 e 2011 ainda não há postagens (fiz a visita ao blog em 2 de junho de 2011).

²⁹ Editor da revista, com quem troquei alguns e-mails informais, bem como tive a oportunidade de conhecer em fevereiro de 2011, ao visitar a editora Marca da Fantasia. Ele também é uma das pessoas que dirige a série *Ber the bear*.

³⁰ Método de impressão litográfica indireta em que as imagens ou os caracteres, gravados por processo fotoquímico em uma folha de metal flexível, são transferidos para o papel por intermédio de um cilindro de borracha. (HOUAISS; VILLAR, 2001)

demanda de encomendas; e que, por fim, a revista *Ber the bear* (editada no ano de 2010) teve tiragem de 40 exemplares.

Ao olhar para essa revista não tenho a intenção de analisar o que o traço dos desenhos quer descrever, tampouco busco encontrar ali uma simbologia em um sentido psíquico. Caso pensasse dessa maneira, estaria enveredando por um caminho um tanto quanto psicanalítico, procurando o “cerne” para a maneira como o autor realizou o seu trabalho. Li as tirinhas e interessei-me pelos diálogos, por aquilo que essas tirinhas atentam, suscitam, produzem, tentando compreender o contexto em que estão inscritos (LARROSA, 1994), pois esses personagens, os ursos, se dão a conhecer e conhecem a si mesmos a partir de discursos que circulam no meio ursino e que eles efetuam sobre eles mesmos.

As histórias em quadrinhos podem representar um modo de ver muito particular, contando, narrando, expressando um campo de poder/saber que, por vezes, pode naturalizar e problematizar, a partir dos seus diálogos, os modos de ser e viver ursino. Pensei em estudar o texto, dessas tirinhas, na condição de sua “textualidade” (FISCHER, 2007), observando os rastros de enunciados que produzem formas de falar sobre os ursos, suas intensidades e efeitos de verdade. É possível dizer que determinadas práticas pedagógicas ocorrem nessas tirinhas, “nas quais se estabelecem, se regulam e se modificam as relações do sujeito consigo mesmo e nas quais se constitui a experiência de si” (LARROSA, 1994, p. 44),

Tentarei me arriscar na escrita, sem fechar em respostas que poderiam se tornar confortáveis. Olharei para as coisas através da janela das palavras (HARAWAY apud WORTMANN, 2007) e tentarei observar as demarcações de significados, examinando as práticas culturais ali colocadas. Dessa maneira, constituo a possibilidade de minhas análises a partir de algumas perguntas: Como se circunscrevem corpo/os e masculinidade/es dos ursos, nessas histórias em quadrinhos? Que posições ocupam, esses corpos, na sociedade vigente, demarcada por certa norma corporal e comportamental homossexual, ditada pela hegemonia dos corpos sarados e depilados? Quais são as posições de sujeito que se viabilizam para os ursos nessas tirinhas?

O trabalhar com esse material, pensei realizar a partir das possibilidades de desconfiar do que parece certo e estável, tentando significar outros modos de olhar para situações que fogem ao que é visto como aceitável, criando suas próprias regras, seus próprios modos de viver, oferecendo assim pistas para entendermos o presente (SIBILA, 2002).

2 VIRADA DE PÁGINA.

A multiplicidade de ser e aparecer coloca sob suspeita as definições tradicionais de classe, gênero, sexualidade, etnia. Outras divisões se instauram, é verdade; fronteiras são rompidas enquanto outras se constroem. (LOURO, 2000, p.72)

2.1 ESTÉTICA GRÁFICA: molduras para corpo, masculinidade, homossexualidade.

De qual/quais estética/as gráfica/as fazemos parte? Como nos tornamos aquilo que somos? Para buscar respostas, várias vezes, discorreremos comparações e sistemas de classificação que mostram como a diferença é estabelecida (WOODWARD, 2000), pois as molduras do que somos se tornam visíveis a partir das molduras do outro. Como refere Fabiana de Amorim Marcello (2004, p.205)

a diferença é *produtiva*: produz (pre)conceitos, nomes (novas), diferenças e singularizações; produz efeitos e formas de espetáculo. A diferença produz padrões, modelos, regras de como agir. A diferença é processo de subjetivação: ensina modos de ser e de agir. A diferença produz e é fruto de relações de poder. [grifo da autora]

A revista Ber the bear³¹ é formada por uma coletânea de tirinhas em quadrinhos envolvendo a figura dos ursos – homens corpulentos ou pesados, muitas

³¹ Como mencionado nos Recordatórios Narrativos, a revista Ber the bear tem somente uma edição em papel, feita em 2010, pela editora Marca da Fantasia. Há tirinhas eletrônicas, sendo algumas reproduzidas na revista em papel e outras, que estão somente no blog <http://berthebear.blogspot.com/>.

Nos Recordatórios Narrativos está registrada a quantidade de postagens das tirinhas eletrônicas feitas por Rafael Lopes, desde 2007. A maior postagem se deu em 2008 (32) e a menor foi em 2011(2). Para essa nota de rodapé fiz visita ao blog em 11 de agosto de 2011, atualizando assim os dados que eu tinha.

vezes, peludos e barbudos, se sentem sexualmente atraídos por outros homens (DOMINGOS, 2010) – tendo como personagens mais recorrentes: Ber³² e Filhote³³. Chico Chubby³⁴ que, em alguns momentos aparece nas histórias, é um homem pesado, mas não é considerado – por Ber e Filhote – pertencente àquele grupo.

Categorizo as personagens, mas minha escrita não pretende entrar em hierarquias. Farei algumas considerações sobre essas marcas que “teimam em existir”, que estão assinaladas no e pelo corpo; pelos desejos e prazeres relacionados a outros homens, por posturas em torno de um “homem grande”, aparentemente másculo. Portanto, modos de ser, estar e existir que compõem os ursos (e outros “não ursos”), nessas tirinhas em quadrinhos.

Corpos, sexualidades e masculinidades são inventados e produzidos, na sociedade de cultura ocidental, por certas estéticas que poderiam ser chamadas de gráficas, sendo algumas autorizadas e outras não (aquelas que escapam às normatizações). Faz-se necessário uma breve historicização para tentar compreender como essas estéticas envolvendo corpos, sexualidades e masculinidades foram sendo evocadas, já que em dada circunstância, um conjunto de ocorrências se combinou e possibilitou que algo fosse admitido como verdade (LOURO, 2005), por relações de poder que constituíram essas situações.

A partir do século XIX, começou-se prestar atenção nos corpos, nas suas estruturas e características físicas. Isso ocorreu por mudanças na formação de um estado que foi sendo arquitetado, desde o século XVIII, com os grupos sociais sendo organizados – dentro de parâmetros colocados na/pela modernidade – através da industrialização; da revolução burguesa; da divisão sexual do trabalho; pela

³² Nas histórias, Ber é o protagonista e a sua participação nas tirinhas é constante. Pelos traços que recebe de Rafael Lopes e pelos diálogos que se sucedem nesses quadrinhos, Ber seria um homem mais velho.

³³ Amigo de Ber. Nas histórias, o desenho empregado para Filhote é de um rapaz mais jovem, vivendo suas primeiras experiências nos relacionamentos e nos amores. Ele aparece em muitas das tirinhas, mas não é o personagem principal.

³⁴ Ele é reprovado e recebe apelidos de Ber e Filhote, por ser um homem bem mais pesado do que os dois.

separação entre o “mundo” de mulheres e homens³⁵ ; pelas mudanças na estrutura familiar³⁶ e escolar, pela criação e legitimação das ciências. O corpo sexual se tornou causa e justificativa das diferenças entre homens e mulheres (LOURO, 2009), sendo estabelecidas verdades e saberes a partir de formas de representar e dar significado a esses/as personagens colocados como humanos: nas suas relações, nos seus desejos, nas suas vontades, etc. A intenção esteve em falar muito e sobre esses corpos dando-se sentido a aspectos da vida para deles delimitar, pelo que era duvidoso e suspeito, àquilo que era aceitável e justificável. A sexualidade foi utilizada e autorizada pelo discurso médico, psiquiátrico, higienista, psicológico, moralista, filosófico para definir as práticas sexuais admissíveis e as condutas tidas como as adversas.

Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregada em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer o que era ou não apropriado, saudável ou bom. (LOURO, p.88, 2009)

Inventaram-se os tipos sexuais. Além dessas separações entre homens e mulheres, o homossexual e a homossexualidade foram definidos para serem corrigidos, recuperados, regenerados. Nomeado o desviante, deu-se nome também para a única possibilidade, tida como norma cabível e demarcadora de uma verdade: a heterossexualidade. Criaram-se hierarquias, já que, com a definição do diferente, do anormal, se determinava o que até então não tinha porque nomear: o heterossexual e a heterossexualidade.

Através dos movimentos sociais e os movimentos de liberação sexual, no final dos anos de 1960 e início de 1970, a homossexualidade e a terminologia gay

³⁵ Anteriormente certo modelo masculino prevalecia, pelo argumento de que as diferenças estavam vinculadas a graus de perfeição, ou seja, que as mulheres tinham dentro dos seus corpos os mesmos genitais dos homens e esses não eram visíveis pela falta do calor vital que os homens tinham (LAQUEUR apud LOURO, 2009).

³⁶ Por um controle sobre a população e sobre a sua produtividade.

começou a ser difundida, recebendo posições mais ideológicas e políticas, indo para além de uma questão envolvendo a orientação sexual. Por exemplo, nos Estados Unidos e na Inglaterra ocorreram pequenas publicações, em jornais, em torno da homossexualidade, bem como peças de teatro foram montadas e exposições de artes foram criadas (LOURO, 2008).

O ano de 1969 se constitui como um marco para o movimento gay, pois a partir do que ocorreu, no bar de Stonewall³⁷, em Nova Iorque, se alicerçou um reconhecimento político e se construíram – por assim dizer – novas representações sobre as masculinidades. Os homossexuais começaram a contestar a representação de que a homossexualidade estava somente relacionada à fragilidade e a um estereótipo de feminilidade, apresentando, como contrapartida, outras possibilidades em torno de um corpo forte, firme, agressivo e que podia mostrar força física (COUTO, 2011³⁸). Com isso, eles apontaram que a organização social da sexualidade não era (e não é) algo fixo ou estável e que intrincadas situações históricas modelaram a forma como esses indivíduos viviam sua sexualidade (WEEKS, 2010).

No Brasil, por volta dos anos de 1970, alguns artistas³⁹ expuseram uma ambiguidade sexual que perturbava a sociedade e o público que os assistiam nas suas atuações (LOURO, 2008); aconteceu o Movimento de Liberação Homossexual no Brasil⁴⁰, como também a criação de revistas e jornais para a comunidade homossexual. Os grupos foram constituindo, dessa maneira, aquilo que se pode chamar de uma identidade gay. Acontecimentos adversos, como o surgimento da Aids, no início dos anos de 1980, fizeram renovar a homofobia e a discriminação, pois havia uma ideia de repúdio, de que a homossexualidade “pegava”. Por outro

³⁷ Homossexuais e policiais entraram em confronto físico. Os homossexuais bateram nos policiais e demarcaram, a partir daquela força física, que eram homens viris e fortes.

³⁸ Comunicação pessoal realizada pelo professor Edvaldo Couto, no dia 14 de maio de 2011, para o Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, na UFRGS.

³⁹ Louro (2008) cita Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquetes como artistas que alternavam, de forma proposital, modos de feminilidade e masculinidade nos seus posicionamentos de palco.

⁴⁰ Com a participação de intelectuais exilados/as pela ditadura militar, que falavam de suas experiências fora do Brasil, inquietações políticas em torno de assuntos colocados na berlinda: movimento feminista e sexual, ecologia, racismo (LOURO 2008).

lado, as redes de solidariedade foram reforçadas, por sentimentos de afinidade que uniram as pessoas atingidas – homossexuais e heterossexuais, suas famílias, pessoas amigas e aquelas que trabalhavam na área da saúde (LOURO, 2008).

Hoje em dia, os movimentos sociais brasileiros relacionados ao reconhecimento e aos direitos LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, intersex) buscam posturas políticas e identitárias que, frequentemente, culminam com encaminhamentos em várias instâncias da sociedade civil e jurídica. Apesar disso, a homossexualidade masculina, ainda é, muitas vezes, representada com termos pejorativos – a bicha, o viado, etc. – recebendo conotações preconceituosas e discriminatórias, em que violência verbal e física⁴¹ é denunciada.

2.2 PLANOS E COMPOSIÇÕES: um breve relato histórico dos artefatos culturais *undreground*.

Existe a possibilidade de que as primeiras histórias em quadrinhos criadas no Brasil tenham sido aquelas do italiano Angelo Agostini, em 1869. Esse material tinha os elementos que compõem aquilo que hoje reconhecemos como quadrinhos: quadros, desenho, texto, sequência⁴². Essa história se chamava *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte* (fig.1), e envolvia a viagem de um caipira perdido na corte; ela também trazia uma forte crítica sócio-política em torno daquela época (MAGALHÃES, 2009).

⁴¹ Trago dois exemplos disso que escrevo: a) jornais, revistas, telejornais veicularam acontecimentos envolvendo grupos neonazistas que atacaram pessoas em plena Avenida Paulista, no ano de 2010; b) em visita a Salvador, em julho de 2010, conheci o Grupo Gay da Bahia. Nas paredes da sede havia vários recortes de jornal relatando casos de violência e morte sobre certos segmentos gays, nas ruas dessa cidade (principalmente travestis e homossexuais com uma situação econômica de pobreza).

⁴² Esses quatro aspectos são apresentados como relevantes por De Jota Carvalho (2006), pois são aqueles que caracterizam as histórias em quadrinhos.



Figura 1 – Disponível em: <http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br>. Acesso em: 16 de junho de 2011.

Cadernos infantis com quadrinhos começaram a circular na década de 1930, com o Suplemento Infantil de Adolfo Aizen⁴³, em 1933 e o Globo Juvenil de Roberto Marinho⁴⁴, em 1937. Esses materiais receberam a denominação de gibi⁴⁵, quando, em 1939, Roberto Marinho lançou uma revista com esse nome (fig.2), que foi sucesso na época (CARVALHO, 2006).



Figura 2 – Esse foi um cartaz comemorativo aos 71 anos da revista Gibi, com seu personagem Moleque. Disponível em: <http://comic.com>. Acesso em: 16 de junho de 2011.

Apesar dessa popularização, em 1905 já circulava a revista Tico-Tico (figs.3 e 4), considerada a pioneira das revistas em quadrinhos – com histórias, passatempos

⁴³ Gonçalves Junior (2004) comenta que a Adolfo Aizen é tido por muitas pessoas como “o pai dos quadrinhos”, por introduzir – no Brasil – histórias em quadrinhos com os super-heróis.

⁴⁴ Jornalista e empresário brasileiro; presidente das Organizações Globo de 1925 a 2003.

⁴⁵ A palavra gibi significa moleque e se refere ao menino negro, que era símbolo da revista.

e poesia. Em 1939 surge a revista Mirim de Adolfo Aizen, com os heróis dos quadrinhos⁴⁶ sendo retratados nas suas páginas. (CARVALHO, 2006).

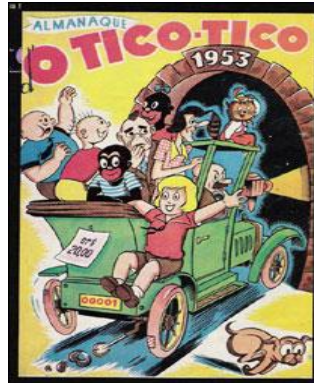


Figura 3 – A Revista Tico-Tico circulou entre os anos de 1905 e 1957.
Disponível em: <http://paniscumovum.blogspot.com/>. Acesso em: 16 de junho de 2011



Figura 4 – Azeitona e Bolão eram personagens principais da Revista Tico-Tico.
Disponível em: <http://paniscumovum.blogspot.com/>.
Acesso em: 16 de junho de 2011.

⁴⁶ Dick Tracy, Superman, Batman.

Em 1945, Aizen criou a EBAL⁴⁷ e trouxe, via essa editora, outras personagens envolvendo os heróis⁴⁸. Em 1949 é inaugurada a Editora Abril⁴⁹, cujas publicações já estavam relacionadas, naquele período, com as personagens do Walt Disney (CARVALHO, 2006).

Henrique Magalhães (2009) refere que os quadrinhos dos primeiros anos do século XX eram chamados de *sindicatos*, pois eram histórias realizadas a partir do desenvolvimento da imprensa e da criação das editoras. Eram quadrinhos relacionados ao “mundo da aventura”, portanto trazia histórias heróicas e fantásticas, que não eram somente ligadas ao mundo infantil ou a uma crítica social, mas histórias que englobavam um público juvenil.

De Jota Carvalho (2006) destaca que, por volta dos anos de 1950, foram criados os quadrinhos independentes, denominados também de *udigrúdis* – uma forma de se dizer *underground*. Eram revistas feitas artesanalmente e que atualmente poderiam ser chamadas de fanzines⁵⁰.

Os quadrinhos *undergrounds* representavam comunidades alternativas e tinham como tema a sexualidade, a violência, os hippies, as drogas e a ecologia. Esses quadrinhos também foram chamados de *comics*, pois estavam “repletos de sexo, iconoclastia e crítica ao modelo de civilização ocidental” (MAGALHÃES, 2009, p. 4). Eles se valiam da caricatura e de uma estética realista, mas “com aspecto sujo, carregado de traços, hachuras” (MAGALHÃES, 2009, p.4).

Um exemplo de revista independente que circulou entre 1940 e 1970 é o *Catecismo* (fig.5) de Carlos Zéfiro⁵¹. Tal *Catecismo* era uma “revista de bolso⁵²” que

⁴⁷ Editora Brasil-América Latina

⁴⁸ Super-homem e Príncipe Valente.

⁴⁹ Criada pelo jornalista e empresário americano, naturalizado brasileiro, Victor Civita.

⁵⁰ Fanzine é a junção de duas palavras: *fanatic* (fanático, fã) e *magazine* (revista). Carvalho comenta que a palavra surgiu porque um autor, cansado de ouvir críticas sobre o seu trabalho, sugeriu aos fãs que criassem suas próprias revistas, pois dessa maneira se sentiriam satisfeitos com o trabalho que produziriam. E assim eles o fizeram: criaram suas revistas de maneira artesanal.

⁵¹ Carlos Zéfiro foi o nome que Alcides Caminha – um funcionário público – deu ao desenhar as revistinhas. Ele mantinha sua identidade em sigilo com receio de perder o emprego. Os quadrinhos de Carlos Zéfiro “fizeram a cabeça” de muitos jovens numa época em que até a Revista Playboy era proibida (JUNIOR, 2010).

abordava diversos aspectos da sexualidade: “homossexuais, prostitutas, donas de casa, padres, policiais, todos praticando sexo oral, anal, zoofilia e outras formas de sexo que se possa imaginar” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 213). Elas eram distribuídas clandestinamente e foram motivo para que grandes editores se unissem para criar o Código de Ética dos Quadrinhos⁵³ (JUNIOR, 2010).



Figura 5 – Um dos Catecismos de Carlos Zéfiro.
Disponível em: <http://baudetranqueiras.blogspot.com>.
Acesso em: 16 de junho de 2011

Revistas consideradas marginais pulularam na época da ditadura militar e estavam ligadas, muitas vezes, aos centros acadêmicos das universidades. A pioneira dessas revistas foi a *Balão* (fig.6), que guiou inúmeras publicações

⁵² Revistas com um formato pequeno, formulado para uma leitura prática e barateamento do seu custo, podendo ser facilmente transportada para ocasiões do cotidiano. Os Catecismos de Carlos Zéfiro tinham em torno de 32 páginas, distribuídos de maneira clandestina, recebiam essa forma pelo seu conteúdo erótico e picante. (informações retiradas do sitio <http://www.ota.com.br/otapedi/zefiro.html>, em 11 de agosto de 2011)

Como “revistas de bolso”, poderiam ser colocadas dentro do casaco, em uma bolsa, escondidos em um espaço e que o dono poderia ter acesso e, talvez, não seria encontrado por outras pessoas.

⁵³ O Código de Ética dos Quadrinhos foi baseado no *Comics Code* dos Estados Unidos. A intenção era transformar os quadrinhos em algo ingênuo; que se tornasse uma literatura “saudável” para as crianças (naquele país). No Brasil criou-se uma lei de censura para os gibis, já que deveriam ser puros e um tanto quanto tolo. Se no início dos anos de 1960 os gibis poderiam ser de aventura, guerra, romance e terror, no início dos anos de 1970 tudo isso já estava quase acabado. (CAMPOS, 2010).

difundidas por todo o país, entre elas o semanário O Pasquim (fig.7) (MAGALHÃES, 2009).

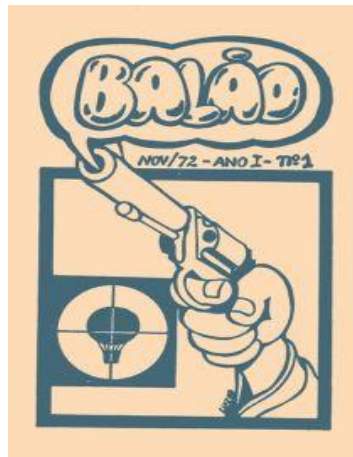


Figura 6 – Disponível em: <http://jornalivros.com>.
Acesso em: 16 de junho de 2011.



Figura 7 – Em O Pasquim diversos quadrinistas brasileiros receberam destaque (Ziraldo, Henfil, Jaguar, Millôr).

Disponível em:
<http://lista.mercadolivre.com.br/JORNAL-O-PASQUIM-460-ENTREVISTA>.
Acesso em: 16 de junho de 2011.

Esses materiais que circulavam na época da ditadura militar eram, muitas vezes, apreendidos, censurados e modificados. Por exemplo, os pelos pubianos eram recobertos com calcinhas, biquínis, estrelinhas e corações, ou mesmo com

frases sobrepostas feitas com letraset⁵⁴, que cobriam/disfarçavam os bicos dos seios (JUNIOR, 2010).

Quando presentes, os desenhos nessas revistas estavam sempre relacionados à mulher, ao feminino, à sensualidade. Exemplos de revistas desse tipo eram as revistas *Maria Erótica*⁵⁵ (fig.8) e *Estórias adultas – Gibi Moderno*⁵⁶ (fig.9).

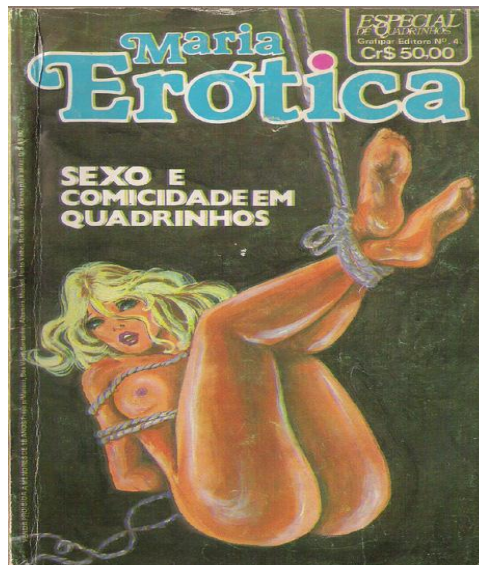


Figura 8 – Disponível em: <http://jornale.com.br/esquadrinhando/2010/08/25/maria-erotica-e-agrafiar/comment-page-1/>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

⁵⁴ Folha de papel com características tipográficas e/ou desenhos transferíveis que se usa no processo conhecido como tífofsete (que transferência de imagens para um cilindro revestido de borracha, para a impressão a seco). (HOUAISS; VILLAR, 2001)

⁵⁵ Nessa revista havia dois personagens principais: Mukifa (que virava o herói Fikom) e Karla (que se transformava na loira fatal Sandra, que estava acostumada a andar de biquíni e calcinha nas histórias). Mukifa e Karla detestavam sua aparência e se consideravam feios, mudando isto ao usarem medalhões encontrados em maçãs. Ao usá-los modificavam sua aparência e se transportavam para um mundo de aventuras fantásticas. No final das histórias os dois personagens acordavam e voltavam a viver num mundo de feiúra e infelicidade (JUNIOR, 2010).

⁵⁶ Revistas produzidas entre a década de 1960 e 1970.



Figura 9 – Disponível em: <http://scanball.blogspot.com/2011/01/estorias-adultas-gibi-moderno-nacional.html>. Acesso em: 16 de junho de 2011.

No livro *Maria Erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura*, Gonçalo Junior (2010) relata que a homossexualidade aparecia nas revistas sempre com um teor de chacota, a partir de piadas. Ele também destaca que, nessa época, não havia interesse por parte das editoras (que tinham autorização para funcionar, em função da ditadura militar⁵⁷) em produzir uma publicação específica com a temática homossexual. Uma exceção a essa regra veio ao público em 1977, com a revista *Personal*. O resumo de conteúdo dessa revista anunciava: “Malícia, corpo a corpo, textos picantes, piadas, pecados suaves e informações pesadas.”. Ela tinha como proposta atender um público menos conservador e que possuía curiosidades em relação ao sexo. Nela havia três seções: *Transexual* – coluna gay; *“Sexiliteratura”* – contos e narrativas e *“Sexinformações”* – tira dúvidas. Era uma revista voltada para o público homossexual e bissexual, mas as fotos que apareciam eram de garotas seminuas (JUNIOR, 2010). *Personal* não durou muito tempo em decorrência da censura que se voltou para esse tipo de material, nessa época denominada de “anos de chumbo”.

⁵⁷ Edrel, Record, Editora Três, Editora Abril, Grafipar são alguns exemplos de editoras que tinham autorização, mas a censura sempre a postos para mudanças, cortes, fechamentos, etc. (JUNIOR, 2010).

Em 1978 começou a abertura política e a ditadura militar parecia estar no fim. Foi nesse período que surgiu a imprensa nanica ou também chamada de alternativa, ligada aos grupos de esquerda, grupos esses que deixavam a clandestinidade, pois “[...] abertura política abre também a oportunidade para que práticas até então mantidas em segredo, levadas a cabo em esconderijos, passem a realizar-se no espaço público” (ALBUQUERQUE JUNIOR; CEBALLOS, 2004, p. 129). Esse também foi o momento (abril de 1978) em que foi lançado o jornal Lampião da Esquina (fig.10), abordando – nas suas páginas – a homossexualidade. “Sério, provocador, com circulação mensal e em formato tablóide, o jornal logo se tornou alvo de comentários maliciosos e até um dos pretextos para incêndios em bancas de jornal” (JUNIOR, 2010, p. 337). Era tão alternativo quanto O Pasquim, mas perdeu força com a abertura política no ano de 1980 (ALBUQUERQUE JUNIOR; CEBALLOS, 2004).



Figura 10 – Capa do jornal de abril de 1979
Disponível em:
<http://www.grupodignidade.org.br>
Acesso em: 17 de junho de 2011

Processos pedagógicos, a partir desses artefatos culturais, incitaram modos de ser homem em diferentes períodos históricos, em que relações de poder/saber engendraram e engendram espaços de experimentação, de controle, de constituição de sexualidades (BRITZMAN, 1996; LOURO, 2003). Significações foram e são produzidas dentro da sociedade, já que nada fica fora da cultura, pois é nela que as pessoas são representadas e recebem sentido (HALL, 2002).

2.3 TRAÇANDO ALGUMAS LINHAS SOBRE CERTA ESTÉTICA GRÁFICA: a história de uma comunidade dentro de outra.

Hoje em dia, existem várias produções gráficas voltadas para o público homossexual, não necessariamente na forma de quadrinhos, como revistas em papel ou eletrônicas⁵⁸, bem como portais na internet. Para dar visibilidade ao que comento, cito alguns exemplos de revistas em papel: G Magazine⁵⁹, Junior⁶⁰, DOM – De outro modo⁶¹, como também o portal Mix Brasil⁶².

A tarefa a que me proponho, contudo, está vinculada as histórias em quadrinhos e, por isso, tentarei seguir com as análises, mesmo sabendo que essas podem ser temporárias, atreladas a olhares e posições que fui tomando durante a pesquisa. Ainda que redunde em minha escrita, acredito que é importante lembrar – até para mim – que os *insights* que fui dimensionando estão ligados às situações que pulsavam nas histórias e que o rigor na escrita⁶³, bem como, a humildade epistemológica (VEIGA-NETO, 2002) me acompanham constantemente, nos modos de refletir, registrar cada uma das linhas do trabalho e tentar viver.

Os traços elencados nas tirinhas Ber the bear não estão atrelados a um mundo de heróis e vilões. Essas histórias apresentam uma entre tantas

⁵⁸ Mais adiante citarei uma revista eletrônica criada para a comunidade ursina.

⁵⁹ Sua marca registrada são os ensaios fotográficos de nu masculino protagonizados por artistas, jogadores de futebol e modelos famosos. Nos primeiros números, a revista investiu no apelo erótico e com o passar do tempo, optou por matérias mais elaboradas sobre temas de interesse geral, mudança que aconteceu, muito provavelmente, pelas exigências do público consumidor (VELOSO; SANTOS, 2009)

⁶⁰ A publicação tem como foco matérias envolvendo moda, comportamento, turismo e *fitness*. Apresenta linha editorial mais preocupada com a homoafetividade, com crônicas que narram o cotidiano de homossexuais e seus parceiros afetivos. O corpo masculino é explorado de maneira sutil, nos editoriais de moda, sem evidência de apelo erótico. (VELOSO; SANTOS, 2009)

⁶¹ Em DOM a linha editorial assume uma proposta mais voltada para a imagem do gay moderno, dando ênfase a figura do metrossexual. As matérias estão relacionadas à moda e os objetos de consumo possibilitados pelo *pink money*. (VELOSO; SANTOS, 2009)

⁶² Veículo online considerado como uma das principais referências da imprensa gay.

⁶³ Dou sentido às palavras rigor na escrita como um cuidado com o que estou pensando, onde não tenho a pretensão de apontar verdades e assumir pontos afirmativos ou negativos nas minhas análises.

masculinidades: homens, gays, peludos e que podem ser pesados. Essa categoria é construída dentro dos limites daquilo que podemos chamar de uma cultura específica: a cultura ursina. Cabe lembrar que, para os Estudos Culturais, cultura não está relacionada apenas àquilo que tradicionalmente se convencionou entender como cultura (grandes obras de arte, a música clássica, os grandes mestres da literatura), antes, ela passa a compreender, aqui, também a maneira como as pessoas vivem. Nesta direção, a cultura deve ser entendida como “uma forma de produção pela qual os grupos dominantes e subordinados lutam para definir e compreender suas aspirações através da produção, legitimação e circulação de formas particulares de significado” (GILBERT, 1995, p. 43). Portanto, cultura nessa perspectiva passa a ser vista como um campo de luta onde são travados e contestados sentidos, em que diferentes grupos, a partir de relações de poder, constituem a si e aos outros.

Dito isso é possível também dizer que a cultura ursina, no limite daquilo que os Estudos Culturais procuram pensar com relação às conexões entre cultura, significação, identidade e poder (SILVA, 1999), seria caracterizada como uma “subcultura”, não no sentido de algo menor ou com menos valor, mas a partir daquilo que escrevi anteriormente, de ser um grupo que está à margem⁶⁴, que tem suas características e que toma sua forma, criada a partir do movimento ursino (DOMINGOS, 2010)⁶⁵.

As histórias presentes no único exemplar dessa revista, *Ber the Bear* (figs.11 e 12), são na sua maioria tirinhas, ou seja, histórias de uma página com três quadros - quadro de início de história / de meio de história / de final de história – e os

⁶⁴ Emprego a palavra margem no sentido de fronteira, um lugar de relação, linha de encontro, de cruzamento (LOURO, 2008). Nossa sociedade de cultura ocidental tem posições afirmativas em torno da juventude, da beleza, do corpo magro, da vida heterossexual. Posicionamentos tomados pelas “subculturas” são de confronto, da possibilidade de se pensar em identidades como diversas, que não seguem a certos determinismos apontados como aqueles que valem e dão sentido ao mundo em que vivemos.

⁶⁵ Mais adiante, nessa mesma seção, farei considerações sobre o movimento ursino.

desenhos feitos são em preto e branco, sendo que a capa e a contracapa⁶⁶ são coloridas⁶⁷.

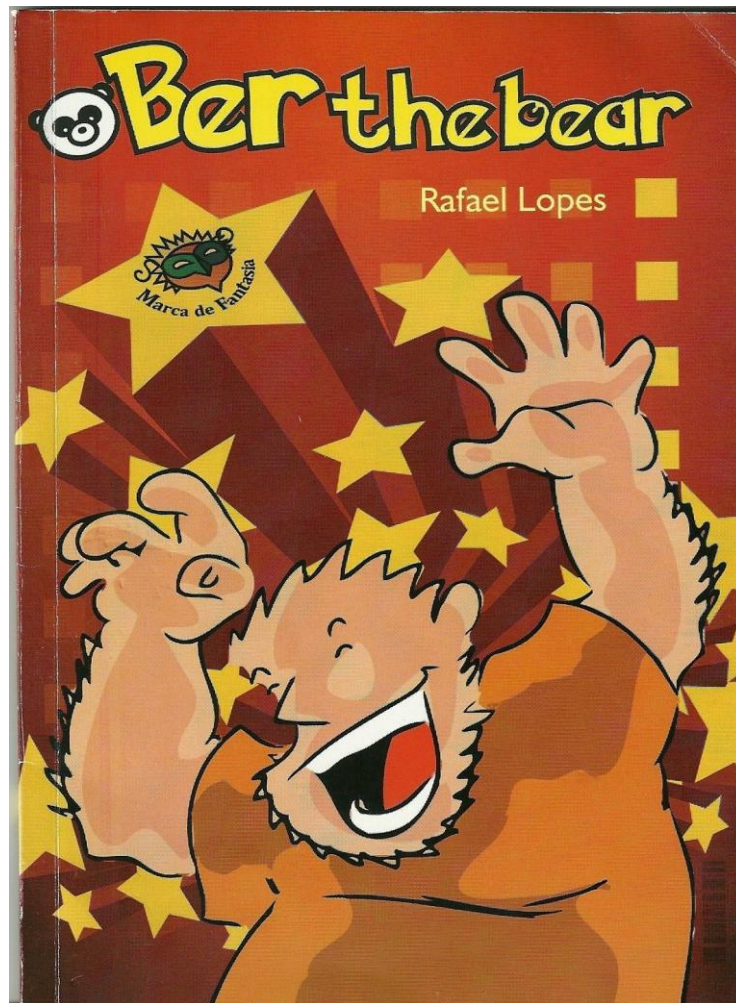


Figura 11 – Capa da revista Ber the bear, com seu protagonista.

⁶⁶ Na capa Ber é desenhado com os braços levantados e suas mãos estão posicionadas como garras de um urso, quando ele está pronto para o ataque. Na contracapa Ber está nu e seu olhar é 'interessado e interesseiro'.

⁶⁷ Ber foi criado em maio de 2007, por Rafael Lopes. Rafael Lopes é historiador, desenhista e vez por outra, escritor. Trabalha com fanzines e começou a usar do meio virtual quando esse espaço se mostrou mais eficiente e prático para a realização do seu trabalho. Edgard Guimarães (2010), além de apresentar o autor, no início da revista, escreve algumas linhas sobre a criação de Ber, comentando que Rafael Lopes se inspirou nos seus amigos ursos para desenhar o personagem, mas também colocou nele a sua própria personalidade crítica e seu humor ácido. Guimarães (2010) menciona outras formas de conhecer o trabalho de Rafael Lopes, na internet, a partir de blogs e sítios.

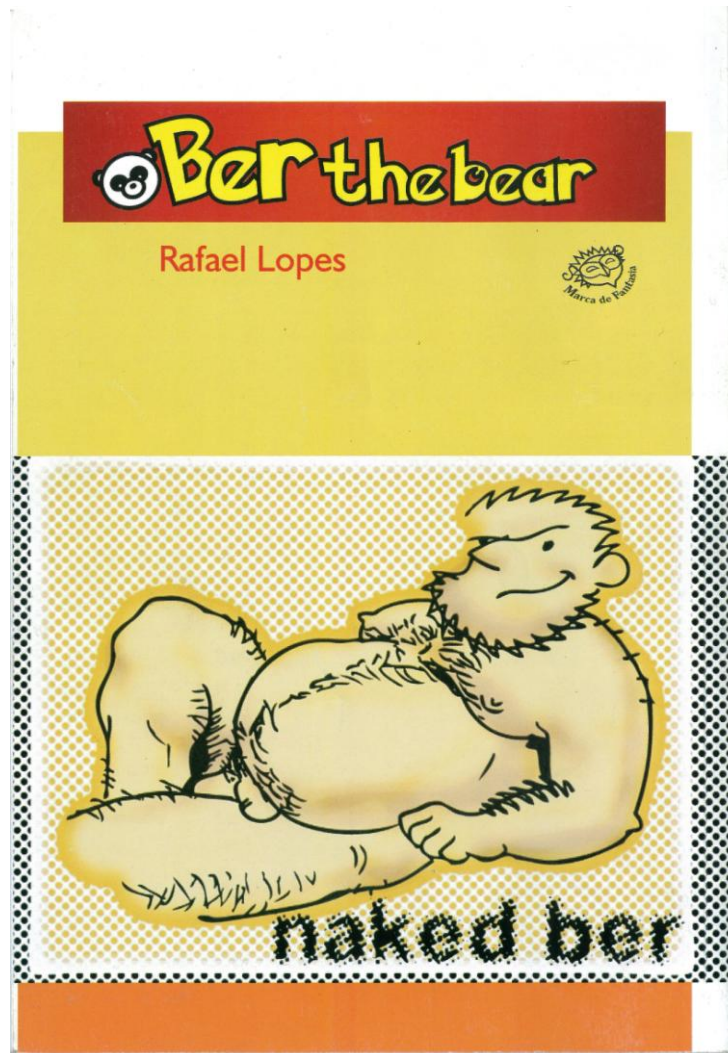


Figura 12 – Contracapa da revista Ber the bear⁶⁸

Ber, na maioria das vezes, está de camiseta com a pata do urso desenhada nela e poderia ser considerado – pelos traços que recebe – um homem adulto, muito alegre e bastante descontraído. Filhote, como o nome já diz, é um rapaz mais jovem, nos traços parece um menino, mas, pelas histórias e por suas falas, deve ser considerado, necessariamente, como um rapaz que está iniciando sua vida ursina. Esses dois personagens são ursos. Como já destaquei algumas vezes o urso,

⁶⁸ A capa, a contracapa e as tirinhas analisadas foram scaneadas da própria revista, portanto, a referência não está nos sítios, mas se encontra entre os outros materiais (livros – artigos em revistas ou periódicos) utilizados para a pesquisa e que estão listados nas Referências Bibliográficas.

apesar de gordo, é um homem que é grande, que pode ter barriga e é peludo. Nesse sentido ele é um gordo julgado positivamente, cujo estereótipo, pode-se dizer aproximando-se da descrição de Fischler (2005) é do “gordo bom”: homem roliço, brincalhão, extrovertido, contador de histórias ao final das festas, enfim dotado para as relações sociais. Porém, ele não é uma pessoa com gordura mórbida, com pelancas ou seja lá o que for em termos usualmente pejorativos. O urso é corpulento, diferente do “gordo pelancudo” que é representado na história por Chico Chubby. Esse é simplesmente mais gordo que o “gordo bom”, ele é considerado um corpo grotesco, com uma aparência e de aspecto mole, cuja classificação está na relação entre os traços físicos e a sua imagem social (FISCHLER, 2005). Chico Chubby, bem mais gordo que Ber e Filhote, diferentemente desses dois, é careca, usa óculos, sendo desenhado sempre com os braços abertos e a boca aberta⁶⁹. Em termos de sua caracterização psicossocial, ele sempre está mostrando insegurança nas frases que diz⁷⁰, o que, no contraponto com os ursos, se pode dizer, é resultado de sua própria conformação corporal, considerada feia e fora dos padrões estéticos tanto dos ursos quanto dos corpos sarados tornados característicos, nos últimos anos, daquilo que vem a definir a cultura gay.

J. J. Domingos⁷¹ (2010) relata em seu livro *O discurso dos ursos: outros modos de ser da homoafetividade*, que esses homens, tal como Ber, na história aqui analisada, criam enunciados que remetem a um universo denominado ursino, a partir de suas roupas e acessórios que representam o “macho másculo”: ter barba; falar grosso; ter “barriga de caminhoneiro”.

Domingos (2010) também menciona que os primeiros vestígios da formação do “clube dos ursos” aconteceu em 1966, em Los Angeles. Em 1987, o “movimento ursino” aparece entre grupos de amigos que começavam a oferecer festas privadas na cidade de São Francisco: neste ano também era criada a revista *Bear Magazine*.

⁶⁹ Por seu corpo ser mais largo do que de Ber e Filhote.

⁷⁰ Mais adiante farei análise sobre alguns quadrinhos envolvendo a relação de entre Ber e Chico Chubby.

⁷¹ Tentei contato com a editora Marca da Fantasia para saber qual era o primeiro nome de J. J. Domingos, mas até o momento que escrevo essas linhas – 19 de junho de 2011 – não recebi retorno via e-mail.

Homens que se sentiam fora de um padrão cultural gay – magro, malhado, liso, jovem – criavam sua comunidade a partir de suas narrativas em torno de marcas que não estão relacionadas com a juventude: ser gordo, enrugado e grisalho. Eles participavam e participam de reuniões, festas e encontros (fig.13) onde esses homens – na maioria com um padrão econômico mais elevado – vivem suas representações de masculinidade amarradas ao tipo rústico do lenhador, do trabalhador braçal, do *cowboy*.

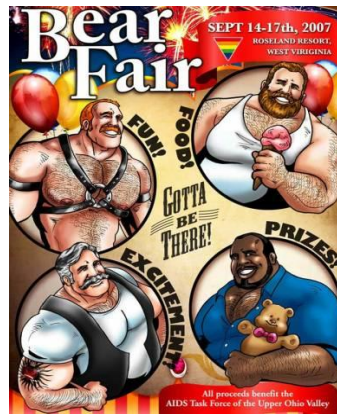


Figura 13 – Disponível em: <http://blogdodiego-mixbrasil.zip.net/images/urso.jpg>. Acesso em: 20 de junho de 2011



Figura 14 – Propaganda do filme Bearcity, apresentado no Festival do Rio 2010;⁷² Disponível em <http://cinema.uol.com.br/festival-do-rio/>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

⁷² Produção americana de 2010, cuja a sinopse é a seguinte: Tyler Hall, jovem rapaz gay, batalha para ser ator em Nova York. Sua atração secreta por ‘ursos’ o faz se aproximar de Fred, simpático *cameraman* que conhece durante um teste. Ele o apresenta então para toda a comunidade: seu ‘maridurso’ Brent; Michael e seu namorado Carlos, louco por gordinhos, e o promíscuo Roger. Tyler

No Brasil, os ursos começaram seus encontros por volta de 1997, a partir de grupos de amigos e casais bastante reservados, como uma comunidade coesa que parecia com uma família (DOMINGOS, 2010). O movimento ganhou popularidade a partir da internet e a comunidade ursina passou a criar redutos em bares de São Paulo, que se difundiram para outras localidades brasileiras – Minas Gerais, Rio de Janeiro, entre outras. Revistas como G Magazine fizeram os primeiros ensaios fotográficos com homens com o padrão corporal urso; programas de televisão os entrevistaram; sites gays na internet e jornais também mostraram esses sujeitos no próprio universo urso. Atualmente, há uma publicação digital – Ambear⁷³ (fig. 15) – com uma tipologia e estratégia midiática que marca esse grupo como “consumidores de chope e cerveja em que [...] a *barriguinha de chope*, parece ser um importante atributo estético” (DOMINGOS, 2010, p. 45). Além disso, o conteúdo dessa publicação digital está relacionado à vida dos ursos no que se refere à moda, estética, música, comportamento e o lazer.

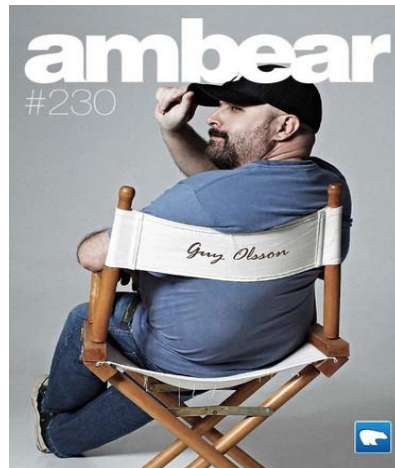


Figura 135 – Capa da revista eletrônica Ambear de janeiro de 2011
Na revista do mês citado há um artigo sobre a identidade ursa intitulado: Identidade *bear*: ela existe? Para que serve? Disponível em: www.fotolog.com.br/ambear/71227407. Acesso em: 20 de junho de 2011.

se apaixonou por Roger, enquanto os casais de amigos atravessam um período de crises. Fred e Brent querem tentar uma relação aberta e Michael decide fazer uma cirurgia de estômago contra a vontade de Carlos. Enquanto isso, a grande festa anual dos ursos se aproxima. Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/festival-do-rio/>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

⁷³ Ambear faz uma apologia gráfica a Ambev - Companhia de Bebidas das Américas.

2.4 CONTORNOS E DELINEAMENTOS: algumas análises.

As características que são colocadas na e pela história dos sujeitos – como indivíduos e como comunidade – podem ser aqueles que são autorizados e aqueles que se fazem autorizar. É dessa maneira que determinadas posições de sujeito são visibilizadas. Corpo, sexualidade e gênero não são aspectos naturais nas nossas vidas. São situações produzidas e reforçadas a partir do que vivemos, experimentamos, apresentamos, evocamos, desejamos; a partir de situações que nos são impostas, determinadas, permitidas como modos de estar no mundo. “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2010, p. 11). Elas são, portanto, constituídas na linguagem, através do que se diz, do que se pensa, do que se sente, por rituais, representações, convenções, que acabam significando a nós mesmos e ao que está ao nosso redor.

Ser homem está para além da ideia de papéis, de funções e de uma diferença orgânica, pois essas concepções simplistas acabam fixando uma permanência. As masculinidades estão entrelaçadas por construções históricas, temporais, culturais e dependem das relações com as feminilidades e outros modos de ser homem para se afirmarem, já que gênero tem um caráter profundamente relacional e interdependente (LOURO, 2008). Há um esforço constante em que os sujeitos são recrutados para se mostrarem de uma determinada maneira e não de outra.

Ber é gay, urso e em determinados momentos age e reage seguindo padrões de docilidade e de procura por parceiros para suas práticas sexuais. Em uma das tirinhas ele brinca com a ideia da passividade (fig.16), a partir do convite que faz a Filhote para tirar fotos suas – de quatro – dentro da banheira, a fim de postar essas fotos em um sítio de relacionamentos. Filhote pergunta a Ber sobre ele se dizer ativo no seu perfil e Ber responde, com certo ar de contentamento, que precisa pensar no mercado de ursos, já que esse é reduzido. Na tirinha seguinte (fig. 17), a cena continua, com Filhote comentando que seu pau ficaria sobrando em uma foto

de penetração, e Ber dizendo que esta seria uma confissão de que o pau de Filhote seria pequeno e de que ele – Ber – não seria largo.



Figuras 16 – Revista Ber the bear, p. 12



Figuras 17 – Revista Ber the bear, p. 12

Construções de significado para as práticas sexuais acontecem a partir dessas ideias envolvendo o tirar fotos de quatro ou a penetração e como refere Luis Felipe Zago (2009), esse corpo se torna o personagem principal naquilo que se pretende mostrar e aquilo que se diz dele: através desse diálogo entre que posição ficará na foto, que arranjo toma nas práticas sexuais, o que é dito do pênis ou de outras partes do corpo. Ser narrado como alguém largo traz para Ber um desconforto, já que ao “ser largo” ele deixa de ser urso e pode passar a ser considerado um *chubby*. Como também, “ser largo” pode ter relação com as práticas sexuais e um ânus espaçoso poderia impossibilitar o desejo e o prazer (tanto de quem penetra quanto de quem é penetrado). Portanto, o binômio “pênis-ânus”

(ZAGO, 2009) é importante para Ber, afinal um pênis potente precisa de um ânus satisfatoriamente desejante.

Podemos ver, em outra tirinha (fig.18), que marcações de gênero ficam estabelecidas, no momento em que um rapaz reclama do afastamento de Ber após uma noite maravilhosa. Padrões em torno do desprezo, da violência e da recusa no envolvimento aparecem na conversa, no rosto de Ber e no gesto empregado: o levantar a sua mão. Os homens precisam ser másculos e demonstrarem agressividade, virilidade, comportamento de risco, de acumulação de parceiras⁷⁴, de distanciamento emocional e essas representações, inúmeras vezes, ficam atreladas à predominância da força, da coragem, do enfrentamento, da cara fechada, do movimento e da não passividade (GARCIA, 1998; ARRILHA; 1998; KALCKMANN, 1998, VILELA, 1998). Essas acabam sendo representações da masculinidade hegemônica, sendo essas posições aprovadas e assinaladas na nossa sociedade de cultura ocidental. Entretanto, no último quadro, Ber utiliza de seu humor ácido⁷⁵, indicando que há uma quebra na maneira como a essa masculinidade poderia ser articulada na sua relação com o rapaz.



Figura 18 – Revista Ber the bear, p.41

⁷⁴ Nossa sociedade valoriza a heterossexualidade e, por isso, escrevo a palavra no feminino. Além do que, a heterossexualidade institui a norma.

⁷⁵ Parece-me que há uma mistura entre autor e personagem. Como escrito em outra nota de rodapé, o humor ácido é uma característica de Rafael Lopes (GUIMARÃES, 2010).

Já nos encontramos com Chico Chubby, Ber procura esquivar-se dele chamando-o de oferenda, uma gorda, bicha complicada e dizendo que ele é feio (fig.19, 20 e 21).



Figura 19 – Revista Ber the bear, p. 16



Figura 20 – Revista Ber the bear, p. 17

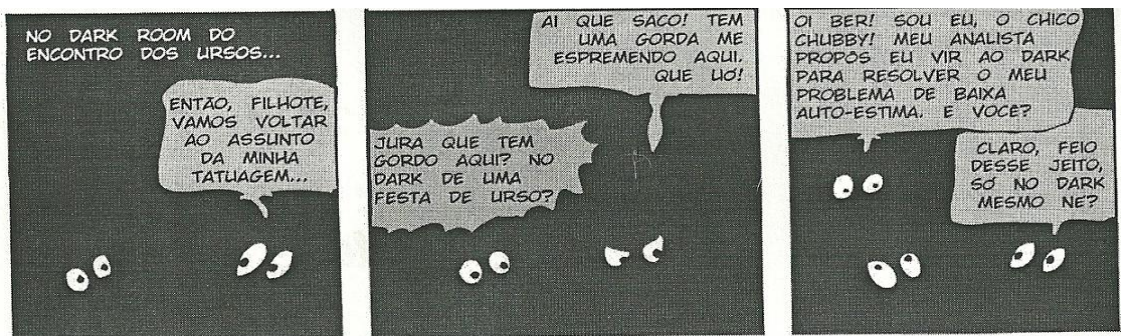


Figura 21 – Revista Ber the bear, p. 31

Na sua irritação, nas palavras, no rosto fechado e sisudo, Ber determina o seu modo de ser homem, em que o afastamento com relação ao outro, que é diferente dele – por ser mais pesado, ter trejeitos afeminados, ligados a uma insegurança que vem nas palavras: “- Meu terapeuta disse...”⁷⁶ – se torna imperativo.

Ber, através de uma norma vigente, reitera maneiras de ser e viver as masculinidades em que a aproximação com um homem afeminado transforma esse homem em abjeto, naquele que não goza do status de sujeito (BUTLER, 2008), nomeando o que não se pode ser e não se pode manter como identidade. Ao utilizar palavras que demonstram certo desprezo por Chico Chubby, Ber converte corpo e gênero em campo de luta por algumas afirmações aceitáveis ou não de masculinidade. Um homem afeminado vive uma não valorização de gênero, “uma inferiorização, uma perda, uma depreciação do valor de sua masculinidade em relação aos demais” (ZAGO, SEFFNER, 2008, p.6). O cerceamento está atrelado às concepções culturais da feminilidade correlacionada com representações de menos valia e, dessa maneira, a fuga, o desprezo, a desconsideração são alocados por Ber.

Dicotomias são possíveis, pois os corpos depilados, jovens, magros, musculosos, rígidos, definidos, viris são formas de dizer, classificar e definir normalidades e anormalidades, além de serem considerados os viáveis e se tornarem norma – tanto para a heterossexualidade quanto para a homossexualidade – e com base nos padrões hegemônicos da cultura gay contemporânea – por vezes denominada de “mercado rosa”, portanto, grandemente assentada no consumo – o próprio Ber pode ser considerado abjeto, na nossa sociedade.

Ao tomar o seu corpo como possibilidade de vida, de experiência, de desejo, de prazer, constituído em conjunto com o seu grupo – seu amigo Filhote, a comunidade ursina na internet, as festas que participa – Ber não se considera detestável, desprezível, ignóbil, pois ele marca no seu corpo um jeito de viver, que é declarado por Filhote “- Ninguém sabe que você é gay por ser gordo, mas pelo jeito como fala...”(fig.22). Esse corpo é potencializado e reivindica – a partir de todo o

⁷⁶ Essa frase é dita por Chico Chubby nas páginas 16, 24, 31 e 55.

aparato que está ao seu redor – direitos ao gozo, ao prazer, à satisfação, à aproximação com aqueles que fazem parte da sua comunidade e aqueles que são do seu interesse. Portanto, as marcas sociais não são fixas e os sujeitos apresentam identidades que se transformam, pelos atravessamentos que desestabilizam e que problematizam, podendo assim ser contraditórias.



Figura 22 – Revista Ber the bear, p.30

Temporárias, passageiras, instáveis, as identidades podem ser transformadas a partir do lugar, do tempo “onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2003, p. 29). Por outro lado, existe uma pluralidade de processos educativos que constroem e assinalam corpos e indivíduos, além das marcas sociais – classe, etnia/raça, sexualidade, geração, religião, nacionalidade... – que se articulam e significam os sujeitos e, por isso, não há como desvincular masculinidade desses códigos. Existem também construções para esses indicadores, sendo que gênero mostra-se uma dimensão significativa, com sentidos atribuídos para ele de maneira diversa. Nossa cultura atribui importância aos homens e à heterossexualidade, mesmo com os atravessamentos das outras marcas sociais, e essa valorização/valorização é apreendida e aprendida desde criança, através da linguagem, pela organização social, pela família, ocorrendo assim normas e comportamentos que balizam modos de ser homem. Muitas vezes, quando essas situações não são problematizadas e são potencializadas, a

masculinidade hegemônica se instala, com a palavra, o sentido, o modo de viver se transportando para o singular, para uma forma única, tida, muitas vezes, como a verdadeira, a natural.

Existe para os homens uma obrigatoriedade, construída culturalmente, com relação à sexualidade. As formas de viver desejos e impulsos, podendo ser pelas pegadas ou conquistas, pelo tamanho do pênis, pela forma como satisfaz a si ou com quem está envolvido, etc. São, em outras palavras, modos de atestar uma dada masculinidade. Afetividades são afirmativas entre o sexo oposto, pois quando os homens exercem afeto ou expressões físicas de amizade, entre eles, há um controle social que impede que esses sentimentos apareçam, sejam reconhecidos e aconteçam entre eles. Espaços masculinos são aqueles envolvendo a roda de chope, o jogo de futebol, a pescaria, as caçadas, as atividades *off-road* com carros ou motos turbinadas e, nesses locais, essas amizades podem ser justificadas e consideradas adequadas (LOURO, 2010). A heterossexualidade – identidade sexual normativa – não acontece de maneira automática e autêntica, pois ocorrem negociações forjadas na vigilância que falam por si, sobre e pelos outros e apresentam um padrão (LOURO, 2010) que reforça modos de viver a sexualidade, de viver os desejos, prazeres e até mesmo as amizades. Dessa maneira, a vergonha, a culpa, a censura e o controle são estratégias utilizadas para que a sexualidade seja assunto privado e movido pelo segredo.

O controle pela violência acontece no momento em que Ber recebe uma pedrada na cabeça e lhe é dito “- VIADO!” (fig.25). Ele reage e diz “- NÃO SOU VEADO SOU URSO!!!” e recebe como resposta – no final dessa tirinha – “- VIADO GORDO!⁷⁷”.

⁷⁷ Caixa alta, nos quadrinhos, significa que o/a personagem está gritando.



Figura 23 – Revista Ber the bear, p.40

Reitera-se a norma, pelas palavras viado e gordo, pois a afirmação dada aqui, a partir de uma pedrada e de um grito mostra que a heterossexualidade e o corpo não ocorrem naturalmente. Se isso fosse seguro não seriam necessários esforços – pela ação da palavra e da força - para afirmar e reafirmar esse único contorno imaginável de sexualidade e unimaginável de corpo, colocado aqui como grotesco, como aquele que rejeita as normas sociais dominantes – do belo, do magro, do rijo.

Na palavra também há resistência, sou urso, uma afirmação que pode significar “a forma como nós fazemos as coisas não é a única forma de fazê-las” (WEEKS, 2008, p.45). Para Ber, o corpo gordo é uma marca de identidade, sua subjetividade é construída a partir desse corpo. Não há segredos nas palavras de Ber: ele afirma, se denomina, se coloca, tenta fortalecer sua identidade de outro e como outro, fazendo uma declaração de pertencimento (WEEKS, 2008), assumindo sua posição frente a um código social que reitera nas palavras viado gordo uma anormalidade, pois ao se olhar para a maneira como Ber reage – fechando a cara como uma forma de indignação – nota-se que aquilo não lhe conforma e que lhe traz desagrado.

Produzido na e pela cultura, o corpo, mais do que um dado natural, cuja materialidade nos torna presentes no mundo, é uma construção sobre a qual são aplicados diversos e diferentes sinais, sensações, sentimentos, comportamentos, se tornando corpo/subjetividade, corpo/efeito, como também, corpo/desejo,

corpo/experimentação. Para um *chaser*⁷⁸ o corpo de Ber serve para ser provado, degustado, apertado, mordido, ele é matéria e material para esse *chaser*. Entretanto, *Ber* questiona algumas dessas formas de experimentação, perguntando:

“- Por que todo *chaser* quer apertar o seu urso até explodir?”

“- Por que todo mundo acha que gordo não sente frio?”

“- Por que todo mundo acha que mamilo de urso é de borracha?” (fig.24, 25 e 26).



Figura 24 – Revista Ber the bear, p.50

⁷⁸ Domingos (2010) define *chaser* como aquele homem que não é urso, mas que é sexualmente ou emocionalmente atraído por um.



Figura 25 – Revista Ber the bear, p.50



Figura 26 – Revista Ber the bear, p.50

O *chaser* reconhece Ber como sujeito urso por sua marcação corpórea, considerando-o fofo e impenetrável de dor e de outras sensações, em que as práticas sexuais para o *chaser* seriam aquelas tidas como as adequadas por esse que experimenta o corpo de Ber, já que os significados dados ao corpo se tornam contextuais (PARKER, 1991). Porém, Ber dá outro sentido para esse envolvimento do *chaser* com o seu corpo: de que algo o incomoda ao ser apertado, ao sentir frio e ao ser mordido. Para o *chaser* o corpo de Ber é um lugar de prazer, enquanto para ele, nesse momento, é um espaço de questionamento, criando-se uma tensão entre uma visão de corpo – via *chaser* – e da subjetividade – via Ber (LUPTON, 2000).

Ber vai construindo, constantemente, significados assumindo e reverberando sua identidade de urso, dizendo quem é e a que grupo pertence. Em outra tirinha, ele anuncia que irá tatuar patinhas de urso no braço, diz que fará sucesso; Filhote

comenta: “- Patinhas de urso é muito clichê.” e Ber responde: “- Óbvio que é um clichê. É um símbolo de grupo. Quase uma suástica⁷⁹, entende?” (fig.27 e 28).

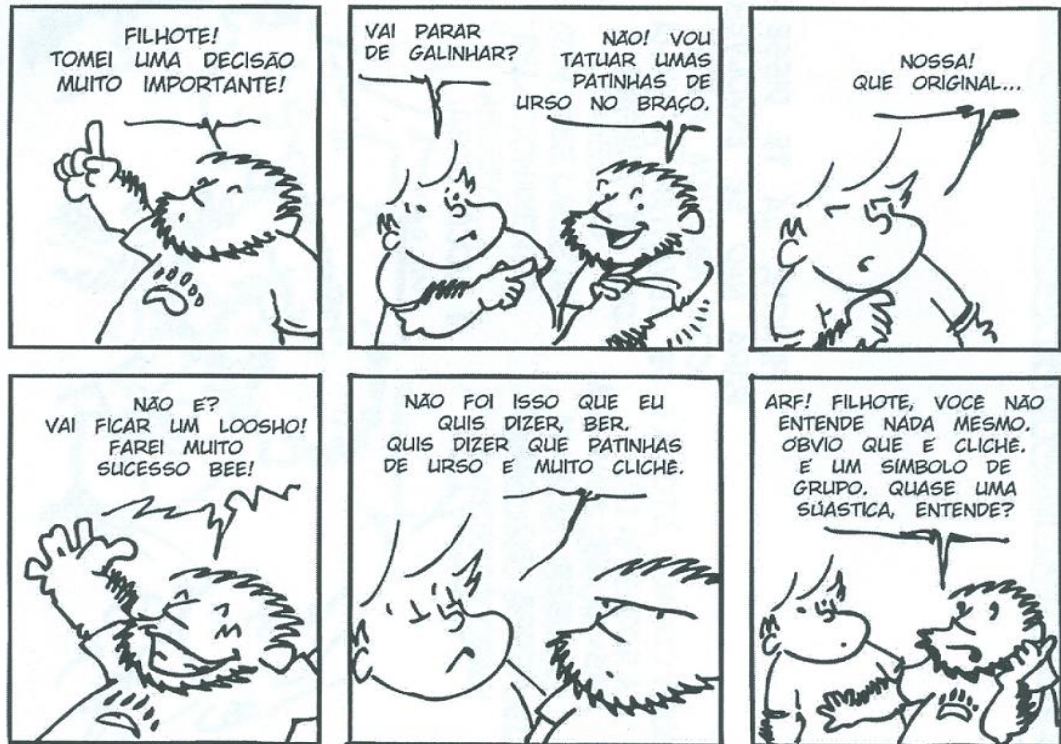


Figura 27 – Revista Ber the bear, p.28



Figura 28 – Revista Ber the bear, p.29

⁷⁹ Penso que o autor quis fazer referência a um símbolo largamente conhecido, sem ter, contudo, se preocupado com as possíveis comparações de caráter negativo que poderiam daí advir em relação à comunidade ursina.

Há um regime de verdade criado pelo seu grupo, em que a construção da masculinidade ursina se dá com e pelo corpo, sendo que esse corpo se torna objeto de consumo (SOUZA, 2003), pois ao marcá-lo, quer se mostrar pertencente, afirmando para si e para os outros “sou urso”. Ber preocupa-se com a sua aparência, mas uma aparência relacionada a uma identidade, afinal reconhecer-se nesse corpo é afirmar essa masculinidade, entre tantas masculinidades, como uma questão pessoal, social e política. Ele, Filhote e outros ursos se aproximam, enquanto comunidade, pelos seus corpos e pelos modos de viver a sexualidade. Eles assumem, assim, uma comunidade, interagindo nela de diversas maneiras: utilização de um emblema – a pata do urso; emprego de um vocabulário grupal – *chaser*, *chubby*, *Ursound*⁸⁰, etc.; realização de encontros em espaços concretos – festas, a Parada Gay; ou em espaços virtuais que se convertem em espaços reais – nos sítios de relacionamento (fig.30); criação de uma revista veiculada na internet (fig.29). Há uma identidade de grupo em toda essa parafernália que “faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade” (SCWARCZ, 2008, p. 16).



Figura 29 – Revista Ber the bear, p.42

⁸⁰ Festa realizada pelos e para os ursos, mas também aberta para quem deseja participar.



Figura 30 – Revista Ber the bear, p.52

Benedict Anderson (2008) menciona que as comunidades foram transformadas em nações. Para esse autor, nas palavras de Lilia Schwarcz, “mais que inventadas, as nações são ‘imaginadas’, no sentido de que fazem sentido para a ‘alma’ e constituem objetos de desejo e de projeções” (SCHWARCZ, 2008, p. 10). Anderson faz um relato de como as nações foram imaginadas a partir de mudanças do uso da língua (deixando-se de lado as línguas tradicionais para o uso de vernáculos), alterações econômicas, sociais e políticas que ocorreram a partir do capitalismo e a criação de tecnologias da imprensa.

Circunscrevendo o conceito, à análise aqui em questão, pode-se pensar a comunidade ursina relacionando-a com a ideia de nação, pois essa comunidade acontece a partir de desejos e projeções evocadas pelo “corpo urso”, com um vocabulário próprio entrelaçado com seu símbolo ou outras representações

envolvendo a masculinidade ursina⁸¹; uma comunidade que utiliza, muitas vezes, da internet para aproximações, encontros e relacionamentos. Há, por assim dizer, práticas que estão constituindo e que atravessam esses corpos, que também ultrapassam o que poderia ser definido como corpos físicos, demonstrando que os limites para a vida são múltiplos. Extrapola-se pelos corpos, como uma forma de infração positivada, afirmada nas tirinhas – por Ber e por Filhote; na vida – por esses homens que se denominam ursos e assim vinculam-se a um “corpo comunidade”, tomada por mim como identidades que atravessam os corpos, não como uma essência; mas antes constituindo-se de acordo com as necessidades, os interesses, os desejos, as vontades que são suas e que também são as da comunidade. Essa comunidade também “desenha” os corpos, que resistem, permitindo que se reconheçam a si mesmos como alguém que diz, que fala – pelos corpos – na sua relação com os outros. O sentimento de pertença está vinculado a quem faz parte desse grupo, como também àqueles a quem Ber quer se relacionar e quando as aproximações com outros ocorrem – com as “rachas”⁸² e os *chubbys*⁸³, por exemplo – elas são criticadas de uma maneira justificável, na visão ursina (figs.31 e 32).



Figura 31 – Revista Ber the bear, p. 16

⁸¹ Representações essas relacionadas, por exemplo, ao homem com “fala grossa”, barriga de caminhoneiro, o tipo rústico.

⁸² Mulheres.

⁸³ Representado na figura de Chico Chubby.



Figura 32 – Revista Ber the bear, p. 55

Ber e Filhote reverberam a identidade ursina pela diferença e essa diferença fica amparada na exclusão e na manutenção daqueles que são os “outros” em uma fronteira onde o nós e o eles (SILVA, 2000), constitui as identidades como as desviantes e estranhas. A linguagem institui significados, nas palavras “- Racha desgraçada.”; “- Se eu gostasse de racha mandava fazer uma em mim.”; “- Chico Chubby vem vindo.”; “- Incrível sua habilidade de espantar as pessoas.”; bem como nos olhares e rugas, em atitudes e injúrias, tais como, Filhote sair correndo ao ver Chico Chubby se aproximar e Ber responder de um jeito grosseiro para a moça do metrô. Formas de masculinidade atreladas a corpos positivados posicionam os sujeitos a partir de relações de poder e, ao fazer esse exercício de positivar, Ber também nega aqueles que não fazem parte do seu grupo: “rachas” e *Chico Chubby*.

Ber e Filhote também fazem parte de um grupo estigmatizado na nossa sociedade e poderiam ser chamados de corpos que não são tão corpos⁸⁴ (ZAGO, 2011), por serem olhados e narrados como abjetos. Entretanto, eles vivem e afirmam a sua própria estética corpórea, transgredindo certos preceitos envolvendo corpos belos, rijos, depilados. Dessa maneira, a transgressão também se torna uma forma de poder e está no jogo do poder. Reivindicações, negociações, confrontos, conformações acontecem na cultura, em que a transgressão e a resistência acabam

⁸⁴ Palavras de Luiz Felipe Zago na apresentação de seu projeto de doutorado realizado no dia 27 de janeiro de 2011, na UFRGS.

organizando as relações, constituindo subjetividades, construindo modos de ser
urso.

3 ARTE-FINAL

[...] pensar que pesquisas pós-estruturalistas se organizam por movimentos e deslocamentos, ao invés de priorizarem pontos de chegada, e focalizam suas lentes nos processos e nas práticas, sempre múltiplas e conflitantes, que vão conformando os – e se conformando nos – próprios “caminhos investigativos”. (MEYER, SOARES, 2005, p.45)

Não utilizo caneta nanquim, bico de pena, pincel, caneta pincel, mas palavras para tentar compor algumas considerações. Arte-final é o momento em que o/a quadrinista analisa o seu trabalho, faz os (re)toques necessários a fim de colocar seu material frente ao público que o olhará, lerá e formulará suas próprias ideias a partir das histórias apresentadas. Nesse momento chega a minha vez de dar os (re)toques no texto, fazendo algumas observações, sem a pretensão de priorizar pontos de chegada, de encontrar uma resposta ou de riscar a última linha, o último ponto, o último detalhe.

Trata-se de esfumçar algumas ideias, sabendo que essas podem ser provisórias, variadas e contraditórias, afinal elas acontecem pelos meus modos de olhar para o material com o qual tive contato durante quase um ano. Travei com ele determinados modos de olhar que poderiam ser traduzidos como aquilo que Meyer e Soares (2005) denominam de visualidade, ou seja, “como vemos o que estamos aptos a ver e como vemos estes modos de ver” (MEYER, SOARES, 2005, p.33).

Ao trabalhar com a análise de quadrinhos homossexuais me lancei numa viagem de (im)possibilidades, pois a primeira vista não sabia que produções brasileiras eu encontraria e o que delas eu poderia olhar e perguntar. Por outro lado,

ao penetrar nas tirinhas em quadrinhos com Ber⁸⁵ sendo o protagonista, me vi capturada por um grupo que marca a partir, através e pelo corpo modos de viver a vida. Ber não tem um corpo, ele é um corpo. Isso porque há especificidades demarcadas nesse corpo urso e elas estão delineadas nos pelos, no seu peso, na sua voz – imaginadamente – mais grossa, no seu interesse por outros homens, na sua forma de viver sua masculinidade, nas patas desenhadas na sua camiseta, na ideia de querer fazer uma tatuagem com o símbolo de grupo. Todos, portanto, pontos que tracejam e produzem a sua subjetividade ursina.

Na sociedade vigente, em que um corpo rijo, jovem, depilado e magro é a regra, aquilo que é desejado, permitido, autorizado, validado, Ber faz parte das zonas inóspitas e inabitáveis da vida social (BUTLER, 2008). Essas zonas são os espaços – visíveis e invisíveis – povoados por aqueles/as que não gozam do status de sujeito, mas que são denominados/as, apontados/as, empurrados/as para essas zonas pelo modo como são circunscritos/as. Contudo, é nessas zonas de não-habitação que a fronteira se faz, pois é ali – nesse lugar de abjeto – que direitos de vida são delineados e possibilidades são criadas por Ber de se colocar e dizer: “-Sou urso!”.

Ber é considerado abjeto, mas, como urso, alquimiza a norma pela performatividade (BUTLER, 2008) do seu corpo, a partir dos movimentos, das palavras, dos gestos, inventando assim a sua realidade. É nas práticas reiterativas que o modo de ser ursino é regulado e administrado, pois o que compõe a sua fixidez e suas cercanias – visualizadas nessa massa corpórea maior, nos seus gestos, no seu envolvimento ou não com o outro – acabam recebendo materialidade e visibilidade.

Esse corpo urso também é (re)pensado como efeito produtivo de poder. Cabe a Ber utilizá-lo para mostrar quem é esse urso; em que comunidade pensa estar inserido e sente pertencimento; a quem traz para si como um nós e a quem olha,

⁸⁵ Lembrando que há Filhote e Chico Chubby.

verbaliza, gesticula como o outro. Há um tipo de comunidade definido através das possibilidades de vida do corpo urso. É uma maneira de viver a vida, pois o importante na vida é como se vive, uma vida das possibilidades (ORTEGA, 1999). Uma dessas formas estaria interligada a esse corpo urso e seus diversos contornos, já que ao se utilizar dessa massa corpórea, de sua sexualidade, de sua masculinidade e fazer também suas indagações, Ber – como urso – cria novas formas de comunidade (ORTEGA, 1999).

Essas tirinhas em quadrinhos são artefatos culturais e, como tais, exercem uma pedagogia que incita. A partir delas é possível dar-se conta de que há uma diversidade na maneira como estamos e somos no mundo (diversas representações de corporeidade, de homossexualidade, de afeto e até mesmo de rejeição).

Não tenho como escapar da minha trajetória como professora e pensar que, muitas vezes, utilizamos quadrinhos, tirinhas, charges como texto, como uma maneira de se trabalhar com interpretação e compreensão da palavra escrita, além de nos servir - em sala de aula – de entretenimento. A revista *Ber the bear* muito provavelmente não seria utilizada em sala de aula, pelas expressões usadas pelos personagens, suas práticas sexuais, suas posições, etc., pois esses aspectos são “proibidos” no espaço escolar. A escola regula os conhecimentos a serem ensinados, como também as formas como alunos/as, jovens, crianças devem ser constituídos (WALKERDINE apud BRITZMAN, 1995). Os currículos são padronizados, independente da vontade do/a professor/a e, quando relacionados a educação sexual: desejo, prazer, afetividade (independente de se fazer referência a homo ou à heterossexualidade), reconhecimento de identidades diversas (que hoje em dia estão além das identidades gays e lésbicas), gravidez na adolescência, DST's e AIDS, esses são assuntos silenciados ou recebem a autorização de serem falados a partir de discursos médicos, biológicos, psicológicos.

Como tudo isso escapa um pouco da vontade, o meu desejo, como professora de que meus/minhas alunos/as, com sete anos, não sejam homofóbicos/as em suas vidas é praticamente uma quimera. Porque esse desejo transcende a vontade. E em tudo aquilo que nos escapa, o que resta afinal são

nossas vivências, o “saber da experiência” (LARROSA, 2002) daquilo que nos mobiliza. Então, me arrisco a dizer que é na relação aluno/a e professor/a que se dá a constituição de um modo de ser. E, há maiores chances de ocorrer modos de ser não heteronormativos na medida em que eu mesma me dou conta do deslocamento que fiz.

Volto novamente o meu olhar para os quadrinhos e sonho – quem sabe um dia – que os quadrinhos independentes, que tratam da temática homossexual, um dia cheguem a muitas mãos. Sonho que um dia muitas pessoas possam olhar para as representações e discursos sobre a vida gay e lésbica de uma maneira plural, passando a conversar, pensar, dialogar sobre vidas gays, vidas lésbicas, vidas heterossexuais... portanto, vidas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas Urbanas, Armadilhas Humanas: A Construção de Territórios de Prazer e Dor na Vivência da Homossexualidade Masculina no Nordeste Brasileiro dos Anos em 1970 e 1980. In: SCHPUN, Monica Raisa. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

ANDRESON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ARRILHA, Margareh. Homens: Entre a “Zoeira” e a Responsabilidade. In: ARRILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra. MEDRADO, Benedito. **Homens e Masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998.

BARALDI, Marcio. **Todas as Cores do Humor**: coletânea de cartuns gls. São Paulo: Summus, 2002.

BECHDEL, Alison. **Fun Home**: uma tragédia em família. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **EDUCAÇÃO & REALIDADE**, Porto Alegre, UFRGS/FACED, v.21, n.1, jan/jun. 1996.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa Em Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam**: Sobre os Limites Discursivos do Sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

CAMPOS, Rogério de. **A Supercensura Contra a Turma dos Quadrinhos**. Revista Cult n. 111 (Texto de 14 de março de 2010). Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-supercensura-contr-a-turma-dos-quadrinhos/>. Acesso: em 18 de junho de 2011.

CARVALHO, De Jota. **A Educação Está no Gibi**. Campinas: Papyrus, 2006.

CONNEL, Robert W. Políticas de masculinidade. **EDUCAÇÃO & REALIDADE**. Porto Alegre, UFRGS/FACED, 1995.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa, Diante dos Ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, Magistério e Política Cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. Currículo e Política Cultural. In: **O Currículo nos Limiares do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COSTA, Horácio. BENTO...[et al] **Retratos do Brasil Homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

COUTINHO, Laerte. **Muchacha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOMINGOS, J.J. **O Discurso dos Ursos**: outros modos de ser da homoafetividade. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2010.

DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR, Carlos, Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **EDUCAÇÃO & REALIDADE**. Porto Alegre: UFRGS/FACED. v.25, n.2, 2000.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca Fomos Humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIPE, Jane. Erotização dos Corpos Infantis. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades Em Suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os Homens a Partir do Gênero e Para Além do Gênero. In: ARRILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra. MEDRADO, Benedito. **Homens e Masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998.

GILBERT, Rob. Cidadania, Educação e Pós-Modernidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antonio Flavio. **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLA, Marco de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ITURRUSGARAI, Adão. **Rocky e Hudson e Outras Histórias**. São Paulo: Devir, 2004.

JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos. 1933 – 1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Tentação à Italiana: um perfil dos mestres do erotismo contemporâneo**. Vinhedo, São Paulo: Opera Graphica, 2005.

_____. **Maria Erótica e o Clamor do Sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar. 1964 – 1985**. São Paulo: Editora Activa Produções Artísticas, 2010.

KALCKMANN, Suzana. Incursões ao Desconhecido: percepções de homens sobre a saúde reprodutiva e sexual. In: ARRILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra. MEDRADO, Benedito. **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Sem Futuro para a Juventude Pós-Moderna. In: STEINBERG, Shirley R. KINCHELOE, Joe L (org.) **Cultura Infantil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KÖNIG, Ralf. **O Homem Ideal**. São Paulo: Via Lettera, 1997.

_____. **E, Agora, Os Noivos Podem Se Beijar**. São Paulo: Via Lettera, 2007.

_____. **Como Coelhos**. São Paulo: Via Lettera, 2008.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Notas da experiência e o saber da experiência**. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf. Acesso em: 24 de setembro de 2011.

_____. Elogio do Riso. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças piruetas, mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica: 2003.

_____. A operação ensaio: sobre ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: Dossiê Michel Foucault. **EDUCAÇÃO & REALIDADE**, Porto Alegre: UFRGS/FACED. v.29, n.1, jan/jun. 2004.

LOPES, Rafael. **Ber the Bear**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *EDUCAÇÃO & REALIDADE*. Porto Alegre: UFRGS/FACED. v.25, n.2, 2000.

_____. Currículo, Gênero e Sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Conhecer, Pesquisar, Escrever...** Educação, Sociedade & Culturas, nº 25, 2007a, 235 -245. Disponível em: www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2011.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *EDUCAÇÃO EM REVISTA*. Belo Horizonte. dez., n.46, 2007b

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

_____. Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. *EDUCAÇÃO & REALIDADE*. Porto Alegre: UFRGS/FACED. v.25, n.2, 2000.

MAGALHÃES, Henrique. **Macambira e Sua Gente**. 3ª ed. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2008.

_____. **Indigestos e Sedutores**: o submundo dos quadrinhos marginais. Cultura Midiática. Jan/jun.2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/b8ef06a25820101009055857.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2011.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. *EDUCAÇÃO & REALIDADE*. Porto Alegre: UFRGS/FACED. v.29, n.1, jan/jun. 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. SOARES, Rosângela. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. São Paulo: Edições Graal Ltda, 1999.

PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos Quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

PRADO, Anita. MENDES, Ronaldo. **Katita: tiras sem preconceito**. 2 ed. João pessoa: Marca da Fantasia, 2009.

_____. **Katita: o preconceito é um dragão**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2010.

SABAT, Ruth. Quando a Publicidade Ensina Sobre Gênero e Sexualidade. In: SILVA, Luís Heron. **Século XXI. Qual Conhecimento? Qual Currículo?** Petrópolis: Vozes, 2000.

SIBILA, Paula. **O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; SANTOS, Joseylson dos Santos. Corpo e sentimento: 46 anos de imprensa gay no Brasil. REVISTA PJ: BR. JORNALISMO BRASILEIRO. USP, n.12, 2009

VILELA, Wilza. "Homem que é Homem Também Pega Aids?" In: ARRILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra. MEDRADO, Benedito. **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: 2000.

WORTMANN, Maria Lucia Castagna. Análises Culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades Disponíveis.Com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ZAGO, Luiz Felipe. SEFFNER, Fernando. **Masculinidades Disponíveis.Com**. Sobre como dizer-se homem no cyber-espaço. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST9/Zago-Seffner_09.pdf. Acesso em: 21 de junho de 2011.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: OBRAS QUE DIALOGAM COM OS TEMAS GÊNERO, SEXUALIDADE, CORPO E PEDAGOGIA CULTURAL E QUE ESTÃO DISPONÍVEIS NO LUME/UFRGS.

ALGAYER, Carla. **"Por Hoje Não Vou Pecar"**: o corpo jovem como santuário do catolicismo carismático. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ALMEIDA, Thaís Rodrigues de Fortes. **Fortes, Agueridas e Femininas**: olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ALOS, Anselmo Peres. **A Letra, o Corpo e o Desejo**: uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Representações de Masculinidade na Dança Contemporânea**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ANTUNES Luis Orestes Pacheco. **Como o Tradicionalismo Gaúcho Ensina sobre Masculinidade**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ARGÜELLO Zandra Elisa. **Dialogando com Crianças sobre Gênero através da Literatura Infantil**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ÁVILA, Cíntia Aguiar de. **Na Interface entre Religião e Política**: origem e práticas da congregação em defesa das religiões afro-brasileiras (CEDRAB/RS). 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BELLO Alexandre Toaldo. **Sujeitos Infantis Masculinos**: homens por vir? 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BENTO, Alexandre Rosa. **Das Propostas Fantásticas do Urbanismo até as Cidades Imaginárias Desenhadas para Revista de História em Quadrinhos**

Heavy Metal. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BICCA, Angela Dillmann Nunes. **Virtualização e Digitalização:** representações de tecnologias na "pedagogia" da publicidade. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BIER, Augusto Franke. **O Desenho de Humor no Resgate da Identidade Cultural:** análise de personagens étnicos em um semanário gaúcho. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BITENCOURT, Marta Moraes. **As Ponderações de Mafalda sobre Cidadania e Democracia.** 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

CAMARA, Adriane Peixoto. **Gênero e Sexualidade na Revista Sexy:** um roteiro para a masculinidade heterossexual. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COPPETTI, Ligia Sayão Lobato. **Constituição das Identidades Docentes no Curso de Licenciatura em Música EAD/UFRGS.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CORREA, Anderson Rodrigues. **No Escurinho do Cinema...sobre HIV/AIDS, Gênero e Sexualidade em Filmes Hollywoodianos.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Quantas Calorias Eu Preciso [Gastar] para Emagrecer com Saúde?** : como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FERNANDES, Leticia Prezzi **Família e Relações de Gênero:** um olhar através do direito. 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FIGLIUZZI, Adriza **Homens sobre Rodas:** representações de masculinidades nas páginas da revista quatro rodas. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Representações de Corpo Adolescente Feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda.** 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FURLANI, Jimena. **O bicho Vai Pegar! : um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis.** 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FRIEDERICHS, Marta Cristina. **Mulheres "On Line" e seus Diários Virtuais: corpos escritos em blogs.** 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GIACOMINI, Sandra Adelina. **Mulheres em Situação de Violência Atendidas pelo Centro REVIVI: relações de sujeição e resistência.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GUERRA, Judite. **Dos "Segredos Sagrados": gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GUIZZO, Bianca Salazar. **Identidades de Gênero e Propagandas Televisivas: um estudo no contexto da educação infantil.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

JAEGER, Angelita Alice. **Mulheres Atletas: da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo.** 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LEMOS, Maria da Glória Vieira Braga. **Representações de Consumo Juvenil na Mídia Escrita.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LISBÔA, Livia Lüdke. **Histórias em Quadrinhos como Local de Aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da Política: representação do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX.** 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

MACIEL, Daisy. **Alfaiataria e Feminilidade:** representações de gênero na revista Elle Brasil. 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade:** mídia e produção agonística de experiência. 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MARTINS, Maria Helena Forgiarini. **Gênero e Amor Romântico.** UFRGS, 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MEDEIROS, Fabiano Didio. **Mafalda:** uma análise textual. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MULLER, Magnor Ido. **É Isso Aí, uma Mistura dos Dois! A Percepção das Travestis sobre o seu Corpo.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

NUNES, Maria do Rosário. **Pedofilização e mercado:** o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVAR, José Miguel Nieto **Guerras. Trânsitos e Apropriações:** políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Karina Fürstenau de. **Gênero e Sexualidade na Educação de Jovens e Adultos:** um estudo de caso. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ORTÁCIO, Scheila. Viviane **Representações do Ser Pai.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **"Histórias de Amor para Sempre, Histórias de Amor para Nunca Mais...":** o amor romântico na literatura infantil. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RAMOS, Sabrina Franciane. **Arte-Cartográfica: uso de ator e devir-criança.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ROMAIS, Astomiro. **A Estética do Corpo na Televisão: representações do corpo nos programas de entretenimento, na publicidade e no jornalismo.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001

SABAT, Ruth Francini Ramos. **Filmes Infantis e a Produção Performativa da Heterossexualidade.** 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Amanda Souza. **Feminilidades Construídas no Orkut em Comunidades Criadas por Mulheres.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **A Invenção da Infância Generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Corpos Femininos Superfície de Inscrição de Discursos: mídia, beleza, saúde sexual e reprodutiva, educação escolarizada...** 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o Gênero do Jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias.** 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOSTISSO, Débora Francez. **Interfaces entre Gênero, Infância e Escola: dialogando com crianças.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TAUFER, Isabel Cristina Brandão **Representações de Gênero no Livro Didático de Ciências nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** 2009. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

TEIXEIRA, Talita Bender. **Trapo Formoso: o vestuário na Quimbanda.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VIDAL Fernanda Fornari. **Príncipes, Princesas, Sapos, Bruxas e Fadas: os "novos contos de fada" ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VITELLI, Celso **Jovens Universitários e Discursos sobre Masculinidades Contemporâneas.** 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ZAGO, Luiz Felipe **Masculinidades Disponíveis.Com: sobre como dizer-se homem gay na internet.** 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009